

DELSON DE CÁSSIO BATISTA JÚNIOR

**ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE A ADESÃO AO PAPEL DE GÊNERO E OS
COMPONENTES DAS ATITUDES PERANTE A HOMOSSEXUALIDADE**

Orientador: Miguel Faria

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e de Ciências da Vida

Lisboa

2014

DELSO DE CÁSSIO BATISTA JÚNIOR

**ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE A ADESAO AO PAPEL DE GÉNERO E OS
COMPONENTES DAS ATITUDES PERANTE A HOMOSSEXUALIDADE**

Dissertação apresentada para a obtenção
do Grau de Mestre no curso de Mestrado
em Psicologia Clínica, Aconselhamento
e Psicoterapia, conferido pela
Universidade Lusófona de Humanidades
e Tecnologias.

Orientador: Professor Doutor Miguel
Faria

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e de Ciências da Vida

Lisboa

2014

Manhood is neither static nor timeless; it is historical.

Manhood is not the manifestation of an inner essence; it is socially constructed.

Manhood does not bubble up to consciousness from our biological makeup; it is created in culture.

Manhood means different things at different times to different people.

We come to know what it means to be a man in our culture by setting our definitions in opposition to a set of “others”— racial minorities, sexual minorities, and, above all, women.

(Kimmel, 2005)

Agradecimentos

Aos meus familiares que do outro lado do atlântico acreditaram e suportaram todos os meus sonhos.

Aos meus amigos irmãos que nunca me deixaram.

Aos professores e colegas, que ao de longe e de perto, me ajudaram de formas distintas nesta jornada.

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar as relações dos componentes cognitivos, afetivos e comportamentais das atitudes perante a homossexualidade e as influências da adesão ao papel de género nestas relações. Desta maneira, o estudo baseia-se em perspetivas filosóficas, psicológicas, biológicas, genéticas e socioculturais relativamente género, a sexualidade, orientação sexual implicadas pela religião, moral e ciência nos últimos séculos.

A amostra foi constituída por 194 sujeitos adultos, entre os 18 e 65 anos, sendo que 85 são do género masculino e 109 do género feminino, com uma média de 30.17 anos (DP=9.464).

No intuito de investigar as variáveis das atitudes perante a homossexualidade e a adesão ao papel de género foi aplicado um questionário composto por uma avaliação sociodemográfica e as medidas Escala de Orientação Sexual Kinsey, Escala de Estilo Religioso, Questionário de Opiniões sobre Homossexualidade, *Hypergender Ideology Scale*, *Attitudes Toward Lesbian and Gay Men*, e, *Affective Reaction to Homosexuality Scale*.

Os resultados sugerem diferenças significativas entre homens e mulheres relativamente as atitudes perante a homossexualidade, bem como a o processo de aderência ao papel de género, diferenças estas, que também foram encontradas relativamente a variável orientação sexual e religião. Conclui-se que a medida que as tendências a aderência ao papel de género elevam-se, mais negativas são as atitudes perante a homossexualidade.

Palavras Chave: Género, Sexualidade, Homossexualidade, Atitudes Perante a homossexualidade

Abstract

This study aims to analyze the relationship between cognitive components, affective and behavioral attitudes towards homosexuality and the influences of adherence to gender role in these relations. Thus, the study is based on philosophical perspectives, psychological, biological, genetic and socio-cultural toward gender, sexuality, sexual orientation implied by religion, morality and science in recent centuries.

The sample consisted of 194 adults with ages between 18 and 65 years, and 85 of them are male gender and 109 are female, with an average of 30.17 years ($SD = 9,464$).

In order to investigate the variables of attitudes towards homosexuality and adherence to gender role, was applied a questionnaire composed of a sociodemographic and measures Sexual Orientation Kinsey Scale, Religious Style Scale, Opinions Questionnaire on Homosexuality, Hypergender Ideology Scale, Attitudes Toward Lesbian and Gay Men, and Affective Reaction to Homosexuality Scale.

The results suggest significant differences between men and women on attitudes towards homosexuality, as well as adherence to process the gender role differences these, which were also found for variable sexual orientation and religion. It follows that as trends adherence to gender role tower, are more negative attitudes towards homosexuality.

Keywords: Gender, Sexuality, Homosexuality, Attitudes Towards Homosexuality

Siglas e abreviaturas

ARHS - Affective Reaction to Homosexuality

ATG - Attitudes Toward Gays

ATL - Attitudes Toward Lesbians

ATLG - Attitudes Toward Lesbians and Gays

HBSS - Homophobic Behavior Student Scale

HBSSPT - Homophobic Behavior Student Scale (versão adaptada)

HGIS - Hypergender Ideology Scale

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros

QOH - Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade

Índice

Introdução	12
1. Fundamentação teórica.....	18
1.1 Género	18
1.2 Masculino e Feminino – História, Filosofia e Psicologia dos três últimos séculos.	21
1.3 Sexualidade.....	29
1.4 Sexualidade - Religião, Moral e Ciência: Repressão e Controlo	35
1.5 Orientação sexual – hipóteses e diferenciações.....	42
1.6 Homossexualidade.....	45
1.7 Atitudes relacionadas a homossexualidade	51
2. Metodologia – Objetivos e Hipóteses	57
2.1 Objetivo Geral	57
2.2 Objetivos Específicos	57
2.3 Hipóteses	57
2.4 Material.....	59
2.4.1 Procedimentos	59
2.4.2 Participantes	60
2.4.3 Instrumentos	65
3. Resultados	69
3.1 Análise descritiva e de normalidade das escalas	69
3.2 Diferença entre as dimensões e o género.....	71
3.3 Diferença entre as dimensões e os grupos etários	72
3.4 Diferença entre as dimensões e religião e as convicções religiosas	73
3.5 Diferenças entre as escalas e o Estado Civil.....	76
3.6 Diferenças entre as escalas e as Habilitações Literárias.....	77
3.7 Diferenças entre as escalas e a Orientação Sexual	78

3.8	Relações entre as medidas ATLG-S, ARSH, HBSSPT e HGIS-S.....	79
4.	Discussão.....	81
5.	Conclusão.....	87
6.	Referencias Bibliográficas	89
7.	Anexos.....	I

Índice de tabelas

Tabela 1 – Características Sociodemográficas da Amostra.....	62
Tabela 2 - Teste de Kolmogorov-Smirnov para as Dimensões QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS.....	69
Tabela 3 - Média e Desvio padrão das Dimensões QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS.	70
Tabela 4 - Diferenças entre géneros e nas dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Mann-Whitney).....	71
Tabela 5 - Diferenças entre faixas etárias e nas dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).....	72
Tabela 6 - Diferenças relativamente a religião e as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).....	73
Tabela 7 - Diferenças relativamente as convicções a nível religioso e frequência da ida a igreja e de tempo dedicado a religiosidade com as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).....	74
Tabela 8 - Diferenças relativamente a frequência da ida a igreja com as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).....	74
Tabela 9 - Diferenças relativamente a frequência de tempo dedicado a religiosidade com as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).	75
Tabela 10 - Diferenças relativamente a frequência de tempo dedicado a religiosidade com as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).	76
Tabela 11 - Diferenças relativamente a frequência de tempo dedicado a religiosidade com as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).....	77
Tabela 12 - Diferenças relativamente a orientação sexual e as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).....	78
Tabela 13 - Coeficiente de correlações entre as dimensões das escalas ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Spearman).....	79

Tabela 14 - Coeficiente de correlações entre as dimensões das escalas HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Spearman).	79
---	----

Introdução

São determinantes das diferenças entre homens e mulheres tanto o fator do sexo biológico enquanto sujeitos sociais, históricos e culturais, mas principalmente através do processo de adesão aos papéis de género: para além de ser homem ou mulher, os indivíduos diferenciam-se uns dos outros sendo mais ou menos masculinos, mais ou menos femininos (Kimmel, 2005). Ainda nesta equação, a preferência sexual experimentada pelos sujeitos e qualificada como orientação sexual abre aos indivíduos três possibilidades expressivas compreendidas como homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade. Diferentes características promovem aos humanos diferentes padrões de resposta e de relação com as particularidades destoantes de cada um e, desta forma, ser diferente sexualmente implica uma também diferenciada correlação e tratamento face aos instituídos sociais nas diversas culturas, tanto no ocidente quanto no oriente.

A aderência ao papel de género refere-se um processo complexo em que homens e mulheres moldam o seu modo de comportar, pensar e sentir a partir de um extenso e complexo campo de atitudes, atributos e também suposições muitas vezes quase transversal nas mais diferentes culturas e sociedades, acerbado significado vivido e construído de ser homem ou ser mulher (Kimmel, 2005; Faria, 2011). As diferenças aos papéis de género (o mesmo para as sexualidades) são mantidas, criadas e reguladas por meio de dispositivos de ordem repressora ou naturalizante acerca destes nas civilizações com o intuito de promover a sobrevivência da instituição da família e do matrimónio contra as práticas sexuais incestuosas ou desviantes (Chauí, 1984; Foucault, 1998).

A par desta premissa dos dispositivos a serviço do controlo, a Religião, o Estado e a Ciência ocupam-se, ora de modo intrinsecamente análogo, ora de forma particular e peculiar em criar métodos elementares de pedagogia dos corpos, de punição das transgressões, de vigilância de si e dos outros e de estigmatização dos desviados, pecadores e criminosos aos instituídos, normas e interditos socioculturais atrelados a sexualidade (Chauí, 1984; Foucault, 1998).

A intenção destes mecanismos de controlo do sexo e da sexualidade é normalizar. No entanto, ao longo dos séculos, o sexo esteve diretamente ligado ao pecado para a Religião, a transgressão para o Estado, e a patologia para as Ciências. Estas três diferentes estâncias ao dissertarem as premissas normalizadoras para as práticas sexuais, criaram também

sexualidades, identidades, e parâmetros de referência aos papéis de género para homens e mulheres (Chauí, 1984; Foucault, 1998; Faria, 2011). Neste âmbito, a normalização é alcançada como objetivo e regulação daquilo que se entende pela organização família, ou seja, relações de autoridade em detrimento da delimitação de papéis norteadores para cada sexo e fases da vida, bem como uma série subliminar de direitos e deveres sendo que de um lado a meta máxima da família é a manutenção do casamento enquanto sacramento e, do outro, a repressão do corpo e do sexo como finalidade económica, política e social (Chauí, 1984).

Ao que ainda se refere a masculinidade e feminilidade, especificamente no processo de adesão aos papéis de género dentro da lógica da organização da família, a produção subjetiva derivada destes mecanismos socio culturais, fundamenta tendências conservadoras e rígidas para os indivíduos que aderem a estas referências de modo extremo: a hipermasculinidade e a hiperfeminilidade constituem-se assim como dois padrões exagerados aos papéis de género (Faria, 2011).

A hipermasculinidade correlaciona-se positivamente com atitudes cruéis perante ao género feminino, com a agressividade como traço típico, e também a busca constante por situações de perigo que subjaz relações de dominação estabelecidas tanto com outros homens e mulheres, conferindo a submissão feminina como parâmetro regulador do poder sexual do homem. Ao que diz respeito ao género feminino, a hiperfeminilidade associa-se com uma elevação da importância dada pelas mulheres nas relações com outros homens, e também o uso do sexo e da sexualidade como artifício de manutenção do parceiro, para além de uma preferência evidenciada por homens que denotem atitudes tradicionais e conservadoras (Faria, 2011).

Estas duas dimensões extremas à adesão dos papéis de género polarizam e sustentam a diferença presente no discurso do que é ser homem e o que é ser mulher. Assim, nesta perspetiva, a submissão e a dominação são os antónimos máximos da hierarquia do controle que a instituição família exerce nos indivíduos, em que muitos dos sujeitos se baseiam no espectro das atitudes em relação à sexualidade mais amplamente, e, também, em relação à homossexualidade que neste espectro é tida como um papel negativo e que socialmente não deve ser sustentado, uma vez que homossexualidade na sua história mais recente é sinónimo de aberração e perversão (Weeks, 1981).

As atitudes perante à sexualidade sustentam em tendências de conservadorismo sexual, o que recebe o nome de erotofobia (Faria, 2011). Também estão ligadas ao processo de dominância social (tendência de característica invariável nas sociedades em relação ao género e a subordinação feminina ao masculino), autoritarismo e também com a religiosidade, ou seja, fatores morais e de sistemas de crenças que se relacionam de maneira próxima ao modo como os indivíduos em sociedade comportam-se, pensam e sentem em relação à orientação sexual. Estes preditores são relatados em pesquisas como traços relacionados com comportamentos homofóbicos, racistas e sexistas (Kimmel, 2005; Faria, 2011).

Dentre estas atitudes preconceituosas, a homofobia é em si também uma variável diferenciadora das atitudes negativas perante os homossexuais. Um dos fatores que contribuem com essa atitude negativa é uma excessiva adesão aos papéis de género dogmáticos e estáticos: o hipergénero, vivenciado tanto por homens e mulheres é em si um instrumento de perpetuação da desigualdade entre os indivíduos, estando intimamente ligado à tendências agressivas, problemas de comportamentos e também clara sintomatologia psicológica (Faria, 2011).

Em outra estância, os sujeitos que sofrem preconceito pela orientação sexual tendem a serem estigmatizados ao não responderem positivamente à uma conformidade de género. Assim sendo, ao passar por aquilo que não são, muitas vezes experimentam padrões depressivos, ansiogénicos e também denotam traços, tendências e comportamentos suicidas na tentativa de tentarem passar despercebidos pelo facto de não serem aquilo que socialmente espera-se dos sujeitos: ser heterossexual (Faria, 2011). Ou seja, os homossexuais experimentam padrões de invisibilidade na tentativa de ocultar aquilo que são e, desta maneira, assumem características socialmente e culturalmente atribuídas pelas atitudes perante a homossexualidade, o que consequentemente determina relações da vivência da orientação sexual homossexual como antinatural, doença e defeito (Chauí, 1984; Foucault, 1998; Kimmel; 2005, Faria, 2011).

A sexualidade humana na contemporaneidade, suas expressões, vivências e concepções, afirma-se, também numa complexa trama, construções subjetivas, científicas, morais e religiosas influenciando consequentemente as atitudes em relação as orientações sexuais. É um processo que organiza, classifica e normaliza os papéis de género, influenciando qualitativamente nos comportamentos ligados a atividade sexual bio fisiológica e também

caracterizando e delimitando as identidades de género no campo socio cultural, sendo claramente transversal à vida da grande maioria dos sujeitos adultos.

Pertinência do Estudo

O interesse em melhor perceber o modo como os processos afetivos, cognitivos e comportamentais podem estar relacionados nas atitudes das pessoas acerca do tema da homossexualidade parte do facto de, na literatura científica sobre essas relações, transparecerem lacunas e escassez de estudos que exploraram com profundidade e especificidade as relações que estas três variáveis do funcionamento humano implicam e se conectam perante à homossexualidade (Van de Ven, 1996).

Uma mais acurada compreensão de como essas três variáveis podem estar implicadas no entendimento do modo como as pessoas constroem o conceito homossexualidade. Tal compreensão facilita e sugere novas possibilidades de generalização à respeito, por exemplo, dos comportamentos homofóbicos, das relações e novas configurações familiares, compreensão das dimensões de estereótipos, identidades, orientação e de papéis de género. Ainda, a repercussão desta tríade nas relações políticas, sociais, económicas, morais, religiosas, de saúde pública e, finalmente, psicológicas associam-se na assim a construção individual e coletiva acerca da expressão da homossexualidade.

Esta pesquisa teve o objetivo de suscitar discussões de âmbito científico, educacional, clínico e filosófico de profissionais e cidadãos sobre o tema homossexualidade, as atitudes associadas a este tema, bem como os sentimentos, comportamentos e pensamentos face aos sujeitos homossexuais. Pode ajudar a quem se interesse na quebra e reelaboração de estereótipos, na reconstrução de sentidos sobre a homossexualidade bem como na atribuição de outros significados possíveis a este conceito. Serve também como um termómetro social sobre o entendimento social dessa expressão sexual possível, como também suas repercussões na sociedade portuguesa na Europa pós moderna.

Enfim, este trabalho de pesquisa considerou a necessidade de esmiuçar o entendimento do modo com as pessoas da população portuguesa concebem, atribuem, dão significado, sentem, elaboram, compreendem, e se comportam face o conceito de homossexualidade na Europa contemporânea. O entendimento destas dimensões afetivas, cognitivas e comportamentais pode ser assim deste modo utilizado como futuro material suporte para os profissionais que trabalham com o público LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros) bem como com o público em geral quando necessário

compreender e discutir a amplitude das relações implicadas aos comportamentos, cognições e afetos que as pessoas têm face à homossexualidade.

1. Fundamentação teórica

1.1 Género

O género compreende-se por uma designação organizada mediante a um conjunto de características socioculturais enraizadas historicamente (Faria, 2011; Vale de Almeida, 1996; Nogueira & Saavedra, 2007; Amâncio, 1993), e que nos humanos, consequentemente reflete a uma prática (Foucault, 1999), um agir dos sujeitos, além de uma definição de um sexo biológico: difere-se da orientação sexual por ser uma coleção de comportamentos, atitudes, traços de personalidade, atributos e suposições sobre o que significa ser homem ou mulher (Steensma et al, 2013; Kimmel, 2005).

Gomes (2006) afirma que ‘...ao nascer, o bebé é psicológica e sexualmente neutro. Neutro significa, neste caso, que mais do que os fatores genéticos e hormonais, é a educação que é responsável pela aquisição da uma identidade de género masculino ou feminino.’(p.109).

Deste modo, mais do que o sexo com qual o indivíduo nasce, mais do que macho e fêmea, o género situa-se num campo conceitual de referência social e cultural aos indivíduos em aspiração da maneira como devem-se comportar, propriamente sentir e pensar: o género categoriza socialmente, tipifica ou estereotipifica o sexo (Nogueira & Saavedra, 2007).

O conceito de Tipificação ou Esteriotipificação de Género, assim definido por Nogueira & Saavedra (2007), consiste no processo de conferir identidade ao sujeito baseando-se em motivações, valores e traços implicados a determinado género e de grande pertinência cultural. Ou seja, o indivíduo em sociedade, consequentemente, a sua própria identidade, constitui-se dentro de um espectro esperado e disponível e possibilidades para o que pode ser chamado de identidade de género: a agressividade, a independência e a dominância são por assim dizer, representantes do que socialmente são os traços do género tido como estritamente do homem, e do outro lado, de modo dicotómico, a sensibilidade, as emoções e a gentileza estariam assim relacionados a mulher (Kimmel, 2005; Nogueira & Saavedra, 2007).

Sendo assim, o que acaba por criar-se no âmbito socio cultural, é uma larga disseminação de crenças sobre definições, atributos e características de homens e mulheres, estabelecendo consequentemente o que determina-se por Estereótipo de Género, mesmo que

tal determinação não corresponda integralmente a realidade concreta: são metáforas, palavras com função de convencionar e orientar o entendimento do sexo enquanto género (Nogueira & Saavedra, 2007). No entanto, diferentemente do que se tentar polarizar com a dicotomia instaurada por meio da Tipificação e da criação social dos Estereótipos de Género, mais semelhanças entre homens e mulheres do que se crê:

...mesmo que se encontrem diferenças sexuais entre os grupos em determinados domínios comportamentais – físico, cognitivo, emocional ou social -, o comportamento individual dos membros dos dois sexos é, frequentemente, muito semelhante. Homens e mulheres, rapazes e raparigas são mais parecidos que diferentes. (Nogueira & Saavedra, 2007).

Subentende-se assim a existência de um propósito pela qual estas crenças de instauração sociocultural da diferença entre os géneros denota, já que, homens e mulheres *podem* em sua existência gozarem de características determinadas e especificadas como de um sexo ou doutro. O andrógino, por exemplo, é uma designação ao individuo que dispõe enquanto característica de tipificação do género uma tendência flexível, menos diretamente vinculado a conformidade de género socialmente difundida sobre o masculino e feminino de maneira rígida, mas ao mesmo tempo, acaba por ser pouco referenciado aos padrões polarizados de género: os andrógenos dispõem de uma menor tendência a referenciar características que reforçam o estereótipo de género (Nogueira & Saavedra, 2007).

Enquadrar-se a uma tipificação de género, *conformar-se*, propicia uma representação de papéis constantes, pautados na manutenção de uma imagem supervalorizada socialmente do domínio do masculino e do feminino, e desvalorizando por consequência, os modelos desviantes ou descontextualizados no que concerne ao género sociocultural, a este processo dá-se o nome de Teoria dos papéis (Nogueira & Saavedra, 2007).

Esta teoria apresenta como proposição central que, as diferenças sexuais contidas nos processos de estereotipificação do género promovem uma perspetiva socio-normativa da sexualidade dos adultos – regulam o comportamento e aquilo que entende-se como apropriado, portanto, expectativas partilhadas em sociedade (Amâncio, 1993). Assim, no âmbito simbólico, homens e mulheres, tem em si as expectativas partilhadas com base nestas crenças sobre o género, em que *devem* relacionar-se de maneira objetiva diferentes posições

sociais: Pessoa Feminina – posição específica no sistema social; Pessoa Masculina: posição universal no sistema social (Kimmel, 2005; Nogueira & Saavedra, 2007).

Este processo de definição de papéis em sociedade orienta uma diferença simbólica entre os sexos, promove consequentemente uma relação assimétrica entre homens e mulheres (Amâncio, 1993; Kimmel, 2005; Nogueira & Saavedra, 2007; Faria, 2011). Os estereótipos de género podem dar origem ao preconceito, relativamente aqueles que são descritos enquanto ‘feminizados’, sendo que os preconceitos enquadram-se fundamentados na apreciação cognitiva, de reações afetivas e muitas vezes no agir e na passagem ao ato.

Amâncio (1993) determinou que a atribuição de uma característica classificada como feminina a um homem, patologiza e confere um estatuto de anormal ao mesmo, o que, é diferente com a mulher: a atribuição de uma característica tida como masculina a uma mulher oferece a ela uma elevação social em seu estatuto – equipara-na ao homem. Assim, tais representações do âmbito do género partilhadas socialmente, remetem a constituição de uma dominância simbólica do masculino, o que objetiva o que é ‘ser homem’ e o que é ‘ser macho’, e define também o que é ‘ser mulher’ e ‘ser fêmea’ deste modo, ‘... o que há, sem dúvida, é uma conceção dominante de pessoa que exclui as mulheres, como exclui outras categorias sociais’ (Amâncio, 1993).

Sendo assim, a qualificação social de homens e mulheres, prende-se intimamente não somente com o sexo biológico, mais, principalmente as atribuições referentes a estereotipificação dos papéis de géneros assumidos por um ou outro: mais do que ser macho ou fêmea, ser masculino ou feminino é carregar em si particularidades significativas de um modo de pensar, sentir e comportar-se socialmente: ‘Parece-me que o género é precisamente um processo de objetificação das relações sociais, simplificando a sua complexidade e localizando em homens e mulheres características de agência e poder que não lhes são inerentes.’ (Vale de Almeida, 1996, p.18).

1.2 Masculino e Feminino – História, Filosofia e Psicologia dos três últimos séculos.

O género, enquanto processo histórico e social, no âmbito das abordagens sociopsicológicas, e, em sua constituição cultural é uma metáfora do poder e de uma hegemonia normativa (Pleck, 1993; Vale de Almeida, 1996; Kimmel, 2005).

Segundo Vale de Almeida (1996) o conceito de masculinidade hegemónica refere-se a um modelo cultural ideal que tem a função de dominação e ascendência social, exercendo controlo sobre homens e mulheres, conferindo aos homens privilégios, inferiorizando mulheres e masculinidades subordinadas. Sendo assim, este modelo hegemónico denota uma qualidade de hierarquização do masculino sobre feminino ‘...na competição feminiza-se os outros, na solidariedade vangloria-se a sua masculinidade.’(p.12)

Para filósofo suíço J. Rousseau, o conceito de “contrato social” refere-se a uma normatividade compreendida como natural aos indivíduos em sociedade, sendo assim, em especial nas instituições escolares, tais perspetivas pressupunham uma moralidade, que para os sexos e na abordagem do ensino com as crianças, sejam elas do sexo masculino ou feminino, foi fundamental nos séculos XVIII e XIX no provimento das chamadas “escolas modelares” por uma educação específica para meninos e meninas, introduzindo o modelo moral da cultura na altura (Poli, 2004; Scheinvar, 2006).

Na filosofia de Hegel, destaca-se o preceito de “Estado” e uma estrita ligação desta máxima com a ideia uma realidade absoluta derivada da racionalidade e da moralidade, com prevalência sobre a natureza, mas, contendo em si ainda características divinas. Neste absolutismo do “Estado de Direito” de Hegel, ao homem cabe denominação de “Estado Animal” e para mulher o “Estado Vegetal”, diferenciando-os com referências ao conceito naturalístico de reinos da natureza a pertença de um sexo e do outro a diferentes reinos, um mais agressivo e ativo, outro pacífico e passivo (Poli, 2004; Lévi-Bruhl, 2013).

Nas teorias psicológicas sobre o género, mais particularmente sobre a masculinidade entre as décadas de 40 e 70, a fundamentação conceptual estava intrincada na psicanálise e nas perspetivas que denotavam como ponto central a ideia de que, os ambientes feminizados das escolas, as mudanças nos papéis de género das mulheres e a ausência de modelos masculinos referenciadores, poderiam ser um risco no processo de aquisição da identidade de papel de género nos homens – ‘...a feminilidade, concebida como um perigo sexual’ (Plon &

Roudinesco, 1998, p.73). Ou seja, o excesso de relações com padrões tidos como femininos e a diminuição de contato com referenciais tidos como masculinos, representavam ameaça, poderiam caracterizar um distúrbio ao papel de género masculino, no entanto, estas teorias caíram em desuso (Pleck, 1993).

A leitura da Psicanálise freudiana sobre o género debruçava-se na ausência e presença anatómica do órgão genital masculino, sendo assim de tendência teórica dicotómica, falocêntrica e determinista no que toca a organização do aparelho psíquico do menino e da menina na resolução edípica: “Anatomia é o destino” (Plon & Roudinesco, 1998; Poli, 2004). Freud resolveu a problemática da génese psíquica da diferenciação dos sexos a partir do conceito da castração e a angústia derivada deste momento crucial da resolução do complexo de Édipo, e, no processo de identificação com as figuras parentais da mãe e do pai. Sendo assim, esta diferenciação ocorre de maneira diferente e em momentos diferentes para meninos e meninas:

“Até certo ponto do desenvolvimento psicosssexual os meninos e meninas caminham na mesma direção: a disposição masculina é predominante na libido, na tendência a atividade, desconhecimento da diferença dos sexos, primazia do falo, para a feminilidade poder emergir é preciso um trabalho a mais (Poli, 2004, p.31).

É por deparar-se com a ausência do pénis que as meninas diferenciam-se e constituem sua sexualidade e vão de encontro com a feminilidade. Neste processo, Freud denota a implicação da troca do objeto de amor da menina, passando da mãe para o pai, e na mudança de zona erógena do clítoris para vagina. Este trabalho psíquico feminino é necessário para que a mulher possa buscar na maternidade a resolução derradeira para a angústia do complexo de castração. “A castração feminiza homens e mulheres” (Poli, 2004, p.36), deste modo, aos meninos esta angústia decorre no instante em que o infante dá se conta da ausência do pénis nas mulheres, na mãe mais propriamente, e na eventual possibilidade de perder o seu órgão genital, o que promove uma inscrição subjetiva na passividade/submissão na identificação com o pai e no simbolismo fálico do masculino. Assim, o menino perde a mãe como objeto de prazer e satisfação para vaguear pelo mundo em busca da restauração desta fratura psíquica, o que conseqüentemente marca o desenvolvimento psicosssexual do homem.

Freud afirma que a busca por prazer é algo do foro masculino, por tratar-se de uma tendência de caráter ativo, o que complementa a dicotomia do desenvolvimento psicossocial na psicanálise definindo a mulher numa posição de “passividade pulsional” (Poli, 2004). Ou seja, para além de uma atribuição biológica e sociológica presente da sexualidade no início do século XX, Freud delimita para o Masculino e o Feminino dois adjetivos antónimos enquanto significados: ao homem a Atividade, a mulher, a Passividade. Assim, entende-se que para papel de género do homem “A atividade se expressa como traço masculino no exercício sexual, na assunção de uma posição de domínio, e nas atitudes agressivas de exteriorização da pulsão” (Poli, 2004, p.34).

Como referido, nas discussões psicanalíticas do início do século XX, as bases biofisiológicas suportavam as teorias da altura. Na relação entre Fliess, médico otorrinolaringologista, e Freud, que por sua vez nunca sentiu-se muito a vontade ao falar da sexualidade da mulher – a Psicanálise Freudiana é vista como voz antagónica ao Feminismo e na liberação e legitimação do desejo feminino (Poli, 2004) – tendo, no entanto, realizado conferências como ‘o enigma da feminilidade’, assim, o que observa-se uma tendência acentuadamente dicotómica sobre os sexos:

“Retomando a ideia fliessiana da divisão das espécies, fez do pólo masculino a suprema expressão do talento criador e da intelectualidade humana, e do pólo feminino a manifestação da sensualidade, da languidez e da pulsão. Daí a falta de igualitarismo e o antifeminismo que enalteciam os méritos da virilidade “nórdica”, a única, segundo ele afirmava, capaz de sublimação* e de grandeza frente ao perigo social representado pela feminilidade.” (Plon & Roudinesco, 1998, p.73)

No campo da psicologia complexa, teoria dissidente da psicanálise ortodoxa criado por um dos analisandos e correspondentes de Freud, Carl Gustav Jung, observa-se a conceptualização a respeito dos arquétipos e a organização da psique individual e coletiva, a distinção do inconsciente individual o inconsciente coletivo, e o processo de individuação. A psicologia complexa fortemente constitui-se no significado dos mitos e símbolos milenares na gênese psíquica dos sujeitos (Plon & Roudinesco, 1998; Jung, 2002).

A respeito dos arquétipos evidenciados no inconsciente coletivo, compreendidos como organizadores da psiquê e fundamentados nos símbolos e no sagrado, Jung (2000;

2002) descreve dois pertinentes a este estudo: a *Anima* e o *Animus*. Estes arquétipos apresentam em si uma particularização de opostos complementares, dualidades, sizígia (como o yin e yang do taoísmo), polarizados, de atribuições específicas na qual a *Anima* liga-se as representações do feminino e o *Animus* do masculino.

Desta maneira, simbolicamente os mitos relacionados a *Anima*, também traduzida como alma, são as sereias, ninfas, lâmias e súcubos, figuras quiméricas que plasman atribuições humanas femininas com qualidades e características físicas animais, e que por assim dizer, denotam em si tendências para a sedução, uma qualificação erótica, mas também, carregadas de significações ligadas a criação e reprodução, maternidade e também ao interdito e a moral. Reúnem deste modo, caracteres divinos e profanos, sendo tidas como deusas e bruxas, repletas de emoções e afetos (Jung, 2002).

No caso do arquétipo *Animus*, as atribuições de significado o definem como “...rígido, cheio de princípios, legalista, dogmático, reformador do mundo, teórico, emaranhando-se em argumentos, polêmico e despótico”, características que estão em oposição a *Anima* tida como “...volúvel, desmedida, caprichosa, descontrolada, emocional, as vezes demoniacamente intuitiva, indelicada, perversa, mentirosa, bruxa e mística” (Jung, 2002, p.129).

No que se refere a prática da psicologia clínica da altura, com base na perspetiva complexa de Jung, a influência do feminino, do arquétipo da *Anima* no homem, entendia-se que:

“Quando a anima é constelada mais intensamente ela abrande o caráter do homem, tornando-o excessivamente sensível, irritável, de humor instável, ciumento, vaidoso e desajustado. Ele vive num estado de mal-estar consigo mesmo e o irradia a toda volta” (Jung, 2002, p.82).

Mais contemporaneamente, Pleck (1993) operacionaliza o conceito de masculinidade a partir de uma abordagem derivada do construcionismo social: a abordagem da ideologia masculina. Com isso, a masculinidade é tida como uma construção baseada em significados socialmente partilhados, sendo assim, os sujeitos, numa relação concreta com os instrumentos e ferramentas culturais compartilhados com outros sujeitos, ligam-se com as conceções sobre a masculinidade que estão arraigados na cultura.

Contemporaneamente, Kimmel (2005) discute a masculinidade e suas repercussões socio culturais no livro *The Gender of Desire: Essays on Male Sexuality* e aponta para o processo de socialização de homens e mulheres ser baseado no princípio da sexualidade ‘dele’ e ‘dela’. Operacionaliza o conceito de *Double Standard*: um padrão duplo, um roteiro, guião sexual para homens e mulheres, já muito cedo, para meninos e meninas. É um guia que produz o que pode ser caracterizado com uma distribuição não igualitária no âmbito social no que concerne ao poder. Ou seja, produz uma diferença uma desproporcionalidade quando se fala de género – meninos são ensinados a ter relações sexuais e as meninas ensinadas a frustrar os meninos neste propósito.

Segundo este padrão, as mulheres são socialmente, no âmbito das instituições, escola, igreja, sugeridas direta e indiretamente de que ser sexualmente ativa/promíscua, é uma transgressão as regras que fundamentam a feminilidade, no caso dos garotos, e a serviço das regras da masculinidade, são ensinados a buscar pelo prazer a qualquer custo, a denotarem um interesse continuo pela experimentação e aquisição de múltiplos (as) parceiros (as), separando o sexo do amor (Kimmel, 2005). Tais diferentes *scripts* sexuais para meninos e meninas, revelam um desenvolvimento de diferentes padrões sexuais para ele e para ela: ‘*We teach ourselves, and each other, about what feels good and why, and then we practice performing those activities until they do feel the way we’re told we’re supposed to feel.*’ (Kimmel, 2005, p.10).

Enquadrados nestes diferentes scripts no desenvolvimento e organização do papel de género para meninos e meninas, enumeram-se características cognitivas, afetivas e comportamentais, que, são tidas como exclusivas de um género ou outro: para os meninos as capacidades visuais e espaciais, no raciocínio numérico, a agressividade, a ativa aptidão física, e também mais suscetíveis a perturbações da leitura da fala, perturbações emocionais, atrasos mentais e tendências a envolver sem atividades perigosas; para as meninas elencam-se competências verbais de compreensão, vocabulário e fluências, tendências a serem mais cuidadosas e correm menos riscos, uma facilidade em expressar os sentimentos e submissão a autoridade (Nogueira & Saavedra, 2007).

Pleck (1993) conceptualiza a Ideologia Masculina, baseado em perspetivas de padrões culturais sobre o papel de género, e, delimita algumas características valorizadas socialmente no campo da definição da masculinidade tanto pejorativas como a agressividade sexual e a necessidade de dominância, tanto dignos, como a responsabilidade no cuidado da família.

É no domínio da sexualidade de homens e mulheres que a construção do masculino denota uma evidente influência: caracteriza, atribui e define o que fazer, como pensar e como sentir. Esta masculinidade, é referência de heranças vitorianas de moralidade, preconceitos e punições: aos homens a sexualidade em sua expressão digna encorajamento, as mulheres tida insalubre (Foucault, 1999; Kimmel, 2005). O que se observa aparentemente como diferenças nas características no comportamento é a tendência masculina de práticas centradas no orgasmo, o que para as mulheres foi já negado, proibido e mistificado que pudesse ocorrer.

Dentre as influências da masculinidade na sexualidade, considera-se a tendência das mulheres ligarem o prazer sexual as emoções, o que consequentemente promoveria uma diminuição do interesse das mulheres em envolvimento sexuais sem comprometimento/ocasional e em relações não monogâmicas. Já aos homens, uma das atribuições recorrentes ao exercício da sexualidade é uma noção não-relacional, e, eventualmente acompanhado de episódios de agressividade, focado no objetivo da conquista, e muitas vezes com implicações morais e emocionais negativas: as emoções, os sentimentos e a sua expressão são tidos como domínio do feminino (Pleck, 1993; Vale de Almeida, 1996; Kimmel, 2005; Nogueira & Saavedra, 2007).

Ao extremo, no exercício de uma masculinidade patológica, um hipergénero, Kimmel (2005) define uma inabilidade do homem de sentir e/ou expressar os sentimentos, a *alexithymia*, e ainda uma tendência ao voyeurismo, uma objetificação do sexo como necessidade de validação da masculinidade e consequentemente, medo em estabelecer e manter vínculos de intimidade. Ou seja, uma sexualidade que nega o que há de humano no parceiro, violando-o e objetifica-o já que é tido como um suporte.

Aos modelos da masculinidade americana, os papéis de referencia são o “Patriarca Distinto” – refinado, elegante, supervisor da propriedade, sedutor e pai devoto – e, o “Operário heroico” – forte fisicamente, independente, sensual e pai dedicado. Esta perspectiva idealizada refere-se ao enquadramento do poder ao macho americano, caracterizado por ser jovem, casado, branco, heterossexual, filho de pai protestante com ensino superior, empregado, com boa aparência, peso e altura, e com bom desempenho no desporto, sendo que, a ausência destes atributos a um macho pertencente a este grupo cultural, o caracteriza automaticamente como subordinado as outras masculinidades e não merecedor de reconhecimento pela masculinidade (Vale de Almeida, 1996; Kimmel, 2005).

Desta maneira, a masculinidade neste ponto de vista cultural e social, apresenta forte característica de avaliação processual de um homem pelos outros no objetivo de atingir a qualificação necessária para uma plena masculinidade. Também, este modelo implícito caracteriza-se como um princípio organizador para a masculinidade, e tem em si processos específicos de avaliação e regulação como homofobia, que aqui apresenta-se como um esforço para suprimir o desejo homoerótico, como um teste contínuo aos homens de que são dignos da masculinidade. Kimmel aponta que o segredo da masculinidade americana é a constatação de que os homens têm medo dos outros homens (Kimmel, 2005).

No campo léxico da variante da língua portuguesa usada no Brasil, a palavra *veado*, do latim *caça-morta*, é a expressão utilizada para designar informalmente um homem que apresenta menos daquilo que, enquanto masculinidade lhe é esperado, sendo assim, tal adjetivo pejorativo tem em si agregado como significação a ideia de caça: homens trabalhando conjuntamente no intuito perseguir e vitimar aqueles que se mostram vulneráveis aos entendimento do que é ser homem e ter um papel masculino, uma dominância de uma masculinidade em relação a outras masculinidades subordinadas. Para Kimmel (2005), Herek (1984, 1994 e 1998) e Verweij et al (2008) cada comportamento socialmente partilhado, cada maneirismo, cada palavra do nosso discurso denota um mecanismo de linguagem de género codificada, assim, a homofobia é tida como causa primeira do sexismo, do heterossexismo e do racismo.

Kimmel (2005) afirma que com as evidentes modificações na sexualidade feminina que decorreram no ultimo século, na atualidade, as mulheres denotam experimentar o sexo comportando-se de modo muito parecido com o modo dos homens comportarem-se, apresentando uma busca pelo sexo para obtenção exclusiva de prazer, além de uma percepção diferenciada sobre a virgindade feminina antes vista como tesouro a se guardado, e agora como problema a ser resolvido. No entanto, para os homens, o panorama atual ainda reflete concepções não muito divergentes do passado. Ainda tendem a pensar mais em sexo que as mulheres, denotarem fantasias sexuais mais explícitas, a terem mais parceiros sexuais e experiencias sexuais mais variadas do que as das mulheres, ainda, perder a virgindade para eles é um sinal de virilidade, de aderência ao papel masculino de género, o que para elas é tido como perda de valor.

Estudos mostram que 1.3% dos homens já foram forçados a ter sexo com o sexo oposto, e, 21.6% das mulheres já foram forçadas a terem sexo com o sexo oposto, ainda, 1.9%

dos homens e 3% das mulheres foram forçados a terem sexo com alguém do mesmo sexo – “*Men continue to be the principal sexual predators*” (Kimmel, 2005, p.14).

Na Europa, um estudo recente feito por Channon & Matthews (2014) com bases na teoria da Masculinidade Inclusiva – *Inclusive Masculinity Theory*, sugere que na sociedade ocidental contemporânea, das quais o papel de género masculino é culturalmente valorizado, o que se percebe sobre a masculinidade é uma inferior estruturação das formas hegemónicas quanto o exercício do género masculino enquanto poder, e que, a forte associação com a homofobia e a misoginia da masculinidade não necessariamente se complementam. Assim, é notória a variância histórica entre os comportamentos, afetos e cognições de homens e mulheres, em diferentes culturas, quanto a aderência e exercício dos papéis de géneros.

1.3 Sexualidade

O tema da sexualidade é objeto de estudo por disciplinas que devotaram seus esforços em teorizar, compreender, operacionalizar, catalogar, classificar e discursar sobre essa construção humana de histórica, difusa, social e cultural (Chauí, 1984; Foucault, 1998). Deste modo, a psicologia, antropologia, a religião e medicina e o direito implicam-se de maneiras substanciais na sexualidade humana (Castelo-Branco, Huevo & Lagarda, 2008).

No dicionário de psicologia, a sexualidade é definida como um conjunto de fenómenos da vida sexual que inclui os mecanismos fisiológicos e a organização da vida afetiva (Duarte & Mesquita, 1996). Faria (2011) delimita três aspetos sobre a sexualidade que implicam a perceção da interação de três diferentes fatores: quem se é (masculino e/ou feminino), com quem se faz e, o que se faz. O termo sexualidade aparece na biologia no ano de 1838 e no dicionário em 1925 (Chauí, 1984, p.14).

Tantas diferentes perspetivas referentes a conceptualização da sexualidade promoveram diversificadas significações, que, historicamente apuram o entendimento acerca do tema. Desta maneira, dos sentidos observados ao longo do tempo são para além da reprodução, também, a recreação, o amor e a lascívia, sendo a sexualidade assim um elo marcante de ligação entre os sujeitos (Benagiano & Mori, 2009). A sexologia é por sua vez a ciência biológica que se ocupa no entendimento das leis naturais do comportamento sexual (Plon & Roudinesco, 1998).

Segundo Fortenberry (2013), a atividade sexual humana, como o coito, tende a diferenciar-se de maneira irrevogável no desenvolvimento do adolescente até a maturidade da vida adulta. Dentre os comportamentos que denotam o ato sexual, encontra-se o beijo, as carícias, bem como masturbação compartilhada e também as atividades relacionadas ao sexo oral, e, cunilíngua, e o intercuro pénis-vagina e pénis-ânus, dentre outros (Fortenberry, p. 284). No âmbito da neurofisiologia, a amígdala e o núcleo accumbens, relacionados com a afetividade e a emoção, também estão repletos de recetores hormonais, o que consequentemente, caracteriza uma implicação significativa destas estruturas nas transformações ontogénicas do organismo humano no aspeto que refere-se o repertório de comportamentos sexuais.

Assim, Fortenberry (2013) articula, o que se refere as hormonas, a testosterona acumula efeito variado nos humanos, em homens e mulheres pós púberes, interfere na frequência da atividade sexual e também na frequência dos pensamentos sexuais nas mulheres. Os hormônios também denotam estreita ligação aos comportamentos sexuais, em de algum modo, no processo de identificação de género, mesmo com a extensa divergência de padrões psicológicos (Steensma et al, 2013).

Nos adultos a sexualidade conjuga quatro fatores intrínsecos que são definidos pelo desejo sexual, a excitação sexual, o comportamento sexual e a função sexual. O desejo sexual caracteriza-se por um estado motivacional que gera um aumento na atenção para estímulos sexuais e compõe-se de excitação subjetivo e psicológico variável (Fortenberry, 2013, p.281). Já a excitação sexual sumariza uma complexa associação de ativadores psicológicos e fisiológicos com estímulo sexual – a ereção no homem e a lubrificação na mulher (Fortenberry, 2013, p.283).

O comportamento sexual nos humanos combina uma extensa possibilidade de atividades de cunho sexual – passa desta maneira da abstinência total, pela masturbação e por fim no sexo com o parceiro(s). Por último, a função sexual relaciona-se com duas dimensões amplamente discutidas quanto a sexualidade humana: a reprodução e a recreação (prazer com fim em si mesmo) (Benagiano & Mori, 2009; Fortenberry, 2013).

No reino animal, muitas e diferentes espécies denotam um repertório sexual com bases fenotípicas de cada espécie, mas que muitas vezes tendem a um propósito semelhante quando o assunto é a reprodução. A fêmea na maioria das espécies executa o papel de atrair o interesse dos machos para o acasalamento, acumulando a responsabilidade de selecionar os machos por características que apresentem um aprimoramento da espécie. Já aos machos, na maioria das espécies, cabe demonstrar tais características no objetivo de copular com o máximo possível de fêmeas, garantindo por sua vez a conservação da espécie. Nos humanos o fatores culturais e históricos exercem uma definitiva dominância sobre a atração e a resposta sexual dos sujeitos (Castelo-Branco, Huezo & Lagarda, 2008).

Para a psicologia da evolução, a sexualidade apresenta componentes que demarcam uma seleção histórica nos repertórios comportamentais como adaptações mentais particularizada para o homem e para a mulher, ou seja, a sexualidade humana caracteriza-se

como uma coleção de tendências pormenorizadas seleccionadas ao longo do tempo em vista do sucesso obtido no objetivo central do acasalamento (Thornhill & Gangestad, 1996).

Na psicanálise freudiana, o tema apresenta as suas origens como o registo de uma satisfação perdida a ser reencontrada (Poli, 2004). A psicanálise ergue-se como teoria sobre a sexualidade, vista então como dimensão base da experiência humana, e, conseqüentemente para a psicanálise, como evidência primária das neuroses e seus sintomas, assim sendo, o saber psicanalítico promoveu uma rutura epistemológica na elaboração e construção conceitual a volta da sexualidade e não do sexo, como se ocupava a sexologia (Chauí, 1984; Plon & Roudinesco, 1998).

Em 1905, com a publicação dos Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade, Freud voltava-se para a sexualidade infantil, as perversões, a homossexualidade e o fetichismo, sendo que neste percurso, já debruçara sobre as questões relacionadas a bissexualidade bem como o estabelecimento de uma etiologia sexual ao fenómeno da histeria. Na conceção de Freud para a sexualidade, entende-se este domínio da vida humana como “...uma representação ou uma construção mental enquanto o lugar de uma diferença anatómica” (Plon & Roudinesco, 1998, p.704). Quanto a diferença dos sexos, Freud define que a sexualidade do menino e da menina se organiza de maneiras diferentes, sendo assim, o desenvolvimento de ambos segundo a psicanálise é diferente não somente pela anatomia e fisiologia de cada um, mas, pelas representações socioculturais a volta desta anatomia feminina e masculina, representações de forte impacto na construção da identidade de género e na vivência e expressão da sexualidade na vida adulta.

Outros fatores modificaram a sexualidade humana, mais propriamente no século XX - com a contraceção foi possível “...aos humanos uma separação de dois significados para sexualidade, procriação e recreação, o que causou uma verdadeira evolução reprodutiva” (Benagiano & Mori, p.53). Tais técnicas já eram descritas em civilizações antigas como aos egípcios e os gregos, no entanto, na segunda metade do século XX, com as novas tecnologias e os avanços farmacológicos, foi possível mais efetivamente controlar o processo reprodutivo, a natalidade, o que também ampliou o campo de significação para a atividade sexual. Ou seja, a contraceção efetiva propiciou uma transformação na sexualidade de magnitude sanitária, social, cultural - de reprodutivo o sexo também revelou-se claramente como fonte de prazer (Castelo-Branco, Hueza & Lagarda, 2008).

Com as novas tecnologias recentes devotadas a sexualidade, para além da farmacologia e as terapias centradas na intervenção de problemas funcionais relacionados ao comportamento sexual, outras indústrias passaram a produzir sexualidade: viu-se desta forma o surgimento das *sex shops*, as linhas telefónicas de sexo, a pornografia em revistas, o turismo voltado ao sexo, e mais abrangente no que diz respeito número de usuários, a pornografia *online* (Castelo-Branco, Huevo & Lagarda, 2008; Döring, 2009).

A sexualidade, com o advento das recentes tecnologias, ganhou um aprimoramento, no entanto, as relações sexuais *offline* e *online* estão frequentemente relacionadas (Döring, 2009). Assim, a sexualidade na internet refere-se ao conjunto de possibilidades expressivas do sexo por meio desta plataforma de comunicação – pornografia, educação sexual, e especialmente contatos sexuais entre usuários por meio de *websites* dentre outras aplicações.

Döring (2009) aponta que 96% dos homens e 73% das mulheres já tiveram acesso a revistas pornográficas, 96% dos homens e 76% das mulheres já visualizaram filmes pornográficos e que 63% dos homens e 14% das mulheres já acedeu a conteúdo pornográfico pelo menos uma vez em suas vidas, e que, 50% destas pessoas acedeu a pornografia dentro dos 12 meses anteriores esta pesquisa. Outros dados da pesquisa indicam que, 40% das mulheres homossexuais e bissexuais já acedeu a pornografia *online* contra 12% das mulheres heterossexuais. Contudo, os adultos usuários de pornografia *online* são na maioria caracterizados como homens, jovens, homossexuais ou bissexuais, sexualmente ativos, de tendência não religiosa e solteiros, com um elevando nível de escolarização.

Encontra-se no espectro da sexualidade dos sujeitos que acedem a pornografia *online* a tendência a comportamentos de masturbação, eventualmente compartilhada, mas normalmente de maneira solitária, comportamento este que nos adultos apresenta elevada frequência nas idades que compreendem dos 25 anos 34 anos de idade. O comportamento masturbatório nos humanos surge prioritariamente na puberdade, sendo que, Fortenberry (2013) denota diferentes proporções no que diz respeito a frequência e idade para meninos e meninas quando o assunto é masturbação - Nos meninos as proporções relatadas para idades entre 9/10 anos – 8,3%; 11/12 anos – 46,7% e 13/14 anos – 87,3%, nas meninas: abaixo dos 13 anos 0% e entre 13/14 anos – 19%.

A sexualidade por assim dizer, em suas expressões e comportamentos nos humanos oscila consoante a idade, e as modificações que ocorrem na puberdade na adolescência, e

também no envelhecimento, trazem mudanças nas significações da atividade sexual. Segundo, Dennerstein et al (2005) a idade tem efeitos negativos na frequência da atividade sexual, do interesse, da resposta sexual, da excitação sexual, da satisfação e orgasmo.

Uma vez que o foco reprodutivo do sexo deu lugar ao sexo recreativo, o prazer do orgasmo é o objetivo maior dos encontros sexuais. Numa pesquisa (Fortenberry, 2013) com homens e mulheres entre 16 e 19 anos, os resultados apontaram que 84% dos homens relataram ter tido orgasmo no último encontro sexual contra 52% das mulheres. Entre as mulheres com idades entre 18/24 anos num estudo sueco, 26% relataram que o primeiro orgasmo aconteceu no intercurso pénis vagina e 25% com cunilíngua ou masturbação do parceiro, ainda, num terceiro estudo, 53% das mulheres entre 14/17 anos de idade denotaram dor no intercurso pénis vagina, e na vida adulta prevalece o número de 33% das mulheres de relataram sentir dor no intercurso pénis vaginal.

Mesmo que para homens e mulheres, a vivência da sexualidade liga-se mais ao caráter de prazer do que de reprodução, os estudos apontam diferentes significações da atividade sexual para os diferentes sexos no aspeto da função sexual. Na masturbação os homens tendem a recorrer a este comportamento em substituição da atividade sexual compartilhada, no entanto, as mulheres tendem a se masturbar como extensão do repertório sexual. Ainda, as mulheres denotam uma baixa ênfase no prazer como motivação para o sexo em relação aos homens (Fortenberry, 2013), e, nem todas as mulheres com uma baixa função sexual, por motivos diversificados, não se sentem propriamente angustiadas com esta situação (Dennerstein et al, 2005). Assim, como género, as sexualidades, que seja feminina ou masculina, acumulam diferentes estatutos culturais e históricos, são desta forma vivenciadas por homens e mulheres de maneira solitária ou em partilha de modos diferentemente significados, estando inevitavelmente, para além do sexo em si:

Instinto sexual (pré-determinado) não se confunde com Sexualidade (plasticidade, polimorfa e polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica, não é o objetivo, não é o objeto), qualquer parte do corpo é suscetível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém, e por que a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital (Chauí, 1984).

Sexo e sexualidade divergem-se no sentido em que para além da reprodução a atividade sexual pode ser vivida como recreação, e mais, pode ser feita de maneira solitária ou acompanhada, mediada de artefactos ou não, entre homens e mulheres, mas também entre mulheres e mulheres ou homens e homens com o propósito de alcançar o prazer e também como expressão significativa de afetividade e amor. Ou seja, é um processo inerente a personalidade e tem estrita ligação com o satisfazer das necessidades básicas, é uma construção baseada na interação dos sujeitos entre si com base no amor, prazer, dentre outros sentimentos e emoções (Molina, 2011).

1.4 Sexualidade - Religião, Moral e Ciência: Repressão e Controlo

A cultura grego-judaico-cristã influencia normativamente a sexualidade humana no ocidente (Batista Jr. & Sasseron, 2007). Ao normatizar a sexualidade, diferentes instituições, leis fundamentais e seculares da organização da vida humana inclinaram-se para atividade sexual conferindo-lhe diversificados propósitos, significados e sentidos.

A filósofa Marilena Chauí (1984) discute em sua obra *Repressão sexual*: essa nossa (des) conhecida, a dinâmica institucional que, ao longo da história da humanidade, decorreu por meio de dispositivos religiosos, morais e científicos, cada um a seu modo, a proporem estratégias de controlo, a responder sobre a sexualidade sobre o que é normal/natural, criando aparatos, discursos a dizer os ‘nãos’ e ‘sims’ da atividade sexual. Assim, nesta trama cultural surge um processo de domínio, a repressão sexual tida como “...sistema de normas, regras, leis, valores explícitos que uma sociedade estabelece no tocante as permissões e proibições nas práticas sexuais genitais – não admitindo uma sexualidade infantil e não genital” (Chauí, 1984, p.78).

A sexualidade significada e interpretada pela religião baseia-se fortemente nas antífonas das antigas escrituras, operacionalizando o género, a prática sexual e os propósitos do sexo. Assim o corpo feminino nestas leituras remete a ideia de pecado original, a mulher é tida com ser lascivo, insaciável sexualmente, o que conseqüentemente enfraqueceria os homens. Já a criança é tida como assexuada, e ao seu corpo não se permite quaisquer tipos de relacionamento com a atividade sexual, mesmo que, durante muitos anos as crianças estiveram envolvidas nas atividades adultas de maneira indiscriminada (Chauí, 1984; Foucault, 1998)

O sexo, na leitura religiosa da igreja católica, inevitavelmente estava aliado ao pecado original, condenado, sinónimo de transgressão e tentação, passível de vergonha e medo uma vez que ao pecar, o pecador estava fadado a perder o paraíso, a vida eterna – o que se viu foi o descobrimento do carácter distintivo da existência humana, a finitude (Chauí, 1984):

O sexo é o pecado original: primeiro pecado e pecado da origem. É a queda vertiginosa dos seres humanos que se descobrem separados e diferentes de Deus porque possuem corpo, nascem e morrem, isto é, não são seres infinitos nem eternos, mas finitos e mortais. O pecado original é a descoberta

e a articulação, impossível de ser desfeita, entre sexo e morte. (Chauí, 1984,p.187).

O Sexo deste modo ganha duas vinculações possíveis em significados – sexo, procriação e vida, de um lado, sexo, pecado e morte do outro. Nesta perspetiva normativa religiosa, sexo substancialmente define-se como pecado, e, todas as outras atividades sexuais que não denotam como objetivo central a reprodução são ainda mais pecaminosas, mortais, com isso, os quatro pecados da carne são determinados pela prostituição, o adultério, a masturbação e a homossexualidade (Chauí, 1984). De um lado, uma teologia explicativa do que é pecado, do outro a prescrição da redenção: duas possibilidades de eleição contra toda impureza do sexo - a virgindade como virtude e superioridade ao desejo da carne, e, matrimónio como indulgência (Chauí, 1984, p.91). Para Faria (2011, p.28) a religião define-se como “...entidade reguladora por excelência da sexualidade, códigos de conduta, aceitável e inaceitável, condenação e perdão, penitência.”

A Sexualidade passou a ser um problema a ser solucionado por métodos inexoráveis como a castidade e a instituição do casamento, e, o modo encontrado para investigar o que sucede-se na atividade sexual dos corpos é a confissão, que possui a função de catalogar, classificar e codificar a atividade sexual. Com o casamento a ser aplicado como remédio ao pecado da sexualidade, o sexo ganha o estatuto de dever recíproco aos casais, com o propósito único e louvável da reprodução, sendo que, o prazer pelo prazer ao, nestes dogmas, é negado, e a relação entre os cônjuges deve se estabelecer-se através da submissão, o retraimento da mulher. O divórcio não está contemplado aos casais, a menos que haja incesto ou adultério, mesmo assim, somente permitia-se uma separação dos corpos - as ‘almas’ permanecem em matrimónio perante a instituição religiosa (Chauí, 1984).

Tais premissas, prevaleceram enquanto o domínio da igreja sobre a sociedade teve vigência, assim, com as mudanças sócio culturais durante os últimos três séculos, e mais propriamente com os movimentos como a revolução francesa, para além de pecado, a sexualidade foi associada ao conceito de transgressão, e as evidências das infrações do sexo deveria ser controladas pela moral social, com o objetivo de “... lançar sobre a vítima o medo, a vergonha e o ressentimento...” (Chauí, 1984, p.118). Desta vez a instituição máxima a regular a atividade sexual era o estado. Para a transgressão do sexo, a resposta passou a ser a punição. O manual de referência para a repressão era a moral, e nesta perspetiva o controlo

era sobre “...o vício dos impulsos incontrolláveis e do desvio das normas” (Chauí, 1984, p.118).

O modelo moral adotado pelo estado para reprimir as práticas sexuais desrespeitosas, foi a valoração e sublimação do sexo por meio da família – família essa tida como uma economia política ao sexo, e, fábrica de processos mantenedores de uma estrutura ideológica, uma organização de natureza complexa e celular em relação a sociedade, família que define-se operacionalmente como:

“...o conjunto de todas as pessoas, objetos e bens que estão sob a autoridade de um chefe doméstico, o pater famílias que não precisa ser o genitor ou o pai. Família é, em segundo lugar, todos os descendentes de um ancestral comum. Família é, em terceiro lugar, todas as propriedades e todos os servidores do pater-famílias. A família é uma estrutura de poder: além do poder de vida e morte sobre todos os membros, o pater-famílias, como cidadão, participava de inúmeras instituições públicas (políticas e religiosas), autoridade e prestígio dependiam da antiguidade da família, de suas posses, dos feitos militares do pater-famílias, da regulação severa dos casamentos para impedir diminuição de poder com alianças com estrangeiros, com escravos e com ordens inferiores livres. Família é a genealogia, parentes próximos, servidores e protegidos (um remanescente do significado romano de família é a “família” na Máfia italiana)”. (Chauí, 1984, p.128)

O que o estado fez foi elevar os patamares de repressão conferindo a família uma realidade sagrada, jurídica e moral, um estatuto de fiscalidade do sexo, mantendo as relações de poder e dominância sobre mulheres, crianças, e “degenerados do sexo” (Foucault, 1998). Com o capitalismo algumas concessões e modificações implicitamente decorreram: o controlo não era somente sobre o que não devia ser feito da sexualidade, mas o que devia. Uma repressão positiva e uma negativa que, para controlar o número elevado de elementos na prole de uma família, a solução aceitável era a abstinência sexual e devoção da mulher a instituição do casamento, e ao homem, o sexo com as prostitutas. O casamento dependia, economicamente, de que o homem assegurasse o sustento familiar, e, cabia a mulher garantir a sua virgindade como sinal de pureza (Chauí, 1984, p.133). Com isso, o esperado dos sujeitos era o exercício de uma sexualidade virtuosa, volta da para a procriação e contra uma atividade sexual viciosa de não procriação.

O casamento assume o carácter de um contrato a ser celebrado perante o estado, e implicitamente, um contrato de subordinação da mulher perante o homem. Outra maneira do estado controlar e reprimir a transgressão sexual é por meio do trabalho: assim a repressão passa a ter mais força e eficácia do que somente com a ética do matrimónio (Chauí, 1984, p.151). Diferentemente do dogma eclesiástico ao sexo, o estado moral pretendeu uma administração racional dos corpos, absorveu o conhecimento a respeito da repressão da sexualidade alcançado pela igreja e incitou uma “... união sacrossanta que estabelece entre família, nação, estado, tradição e moral que torna sua capacidade sexualmente repressiva quase indestrutível.” (Chuai, 1984, p.137).

Ou seja, para o estado, a ascética do corpo para correção da transgressão sexual residia no trabalho e a moral através do instituído da família, concebe e imprime o discurso:

Para que o trabalho se torne central, valor e virtude, condenação e destino, a superrepressão dessexualiza e deserotiza o corpo, destrói as múltiplas zonas erógenas (cuja satisfação, se for conservada, será chamada de perversão, crime, imoralidade) e reduz a sexualidade exclusivamente à zona genital, com finalidade procriativa (Chauí, 1984, p.156).

O trabalho assim concebido, torna o corpo inteiro, e exerce um papel de reprimir em duas vias, negativamente ao culpar e punir a indolência e os males associados ao sexo, e positivamente promover que a família perdure, ocupando assim seus membros, mantendo viva a lógica de dominação e controlo dos corpos e garantindo a continuidade da procriação como finalidade suprema do sexo e replicação do discurso de dominação e controlo.

As mudanças no discurso, interferem no curso da história e na transformação sociocultural. Assim chegamos ao terceiro momento histórico em que o sexo é dissecado pela ciência, e os diagnósticos das investigações realizadas nesta perspetiva delimitam e o que é patológico e saudável, o que é anormal e o que é perverso – é o surgimento da *Scientia Sexualis* (Chauí, 1984; Foucault, 1998; Faria, 2011). No entanto, o discurso da ciência sobre a sexualidade, denota um propósito - “liberar a humanidade do seu maior castigo, de seu maior estigma e tormento: o sexo (Chauí, 1984, p.170). Nesta transição paradigmática a sexologia ergue-se com a finalidade de produzir discursivamente uma liberação da sexualidade e, do prazer, ocupando-se em examinar o orgasmo, a homossexualidade, a masturbação, a patrocinar por assim dizer uma democracia sexual.

Se antes o padre-sacristão e o jurista-política dedicavam-se a normatização da sexualidade, com intervenção da ciência, é a vez do médico – dos especialistas, o psicólogo, o urologista, o endocrinologista, o ginecologista, o obstetra, o neurologista, o imunologista e os cirurgiões – discursarem sobre a sexualidade, produzindo o certo e o errado sobre o sexo. Surgem também as intervenções científicas como a sexologia forense que discute e resolve os impedimentos matrimoniais, o defloramento da virgindade, o estupro, bem como os ataques contra a instituição família como na violência contra as crianças, as doenças sexualmente transmissíveis, o adultério, a ilegitimidade dos filhos e a homossexualidade – promovendo um minucioso exame das práticas sexuais através dos discursos produzidos pelos sujeitos, e prescrevendo a cura e/ou remissão dos sintomas provenientes dos excessos do sexo (Chauí, 1984; Foucault, 1998).

Desta vez, mais do que um processo de repressão positiva e negativa da sexualidade, a *Scientia Sexualis* descrita por Foucault desenvolve um saber - um conjunto de estratégias teóricas e práticas em torno de um objeto criado pelo discurso da sexualidade: o sexo (Chauí, 1984). Repressão esta que não é somente um conjunto de proibições, mas sim, regulamentações institucionais que constantemente ao longo da história reforçam implicitamente a ideia de mutilação, desvalorização e controlo da sexualidade tida instantaneamente como pecaminosa, imoral e viciosa (Chauí, 1984; Foucault, 1998).

Scientia Sexualis é a esquiva da verdade insuportável e excessivamente perigosa do sexo (Foucault, 1998). Na obra *História da Sexualidade - A vontade de Saber*, Michel Foucault concebe dois registos distintos para o sexo ao longo dos séculos, como a normatividade de uma biologia da reprodução e a medicina do sexo obediente a regras inteiramente diversas (mais propriamente um saneamento das taras), e também procedimentos históricos que produzem verdades sobre o sexo como a *Ars erótica*, uma leitura da elevação da sexualidade por meio de práticas e rituais para a alma, o corpo e o espírito.

A intercessão da ciência ao sexo na leitura discursiva de Foucault denota uma forma de dominação e controlo por meio de específicas técnicas que assemelham-se a confissão religiosa com um objetivo de catalogar e classificar o sexo e suas práticas produzindo por fim uma verdade sobre a sexualidade. Ao sujeito “...confessa-se ou é forçado a confessar” (Foucault, 1998, p.59):

Ora, a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também um ritual que

se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; em fim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe salvação (Foucault, 1998,p.61).

Ou seja, o aparato cirúrgico para o controlo da sexualidade por excelência é a confissão do sexo, e estes processo em si, tem um carater de saneamento a medida em que o discurso sobre o sexo desvela-se o sujeito a produzir a verdade sobre a sua sexualidade está ao mesmo tempo a libertar-se. Com esta transição quanto ao entendimento da sexualidade, o sexo passou a ser interpretado, e não somente passível de culpa, ou transgressor mais também poderia vir a assumir um carácter patológico. Quanto ao poder, o discurso detém em si uma ordem implícita da hierarquia sobre a sexualidade, que, coloca no topo homens, adultos, pais de família e os médicos, privando mulheres, crianças e doentes, mantendo-os na ignorância (Foucault, 1998, p.94).

Foucault descreve a sexualidade como um dispositivo estratégico do discurso, senão a família o cristal refrator, e neste discurso, quatro grandes conjuntos de intervenções eram referenciados na histerização do corpo da mulher, da pedagogia do sexo infantil, da socialização das condutas procriativas e psiquiatria das perversões, assim, ao mesmo tempo que a *Scientia Sexualis* discursava sobre a sexualidade também estava a produzir sexualidades (Foucault, 1998). Ou seja, em a vontade de saber, ao discutir a história da sexualidade, Michel Foucault:

Na esteira de sua *História da loucura*, com efeito, o filósofo francês mostrou que a própria idéia de sexualidade fora construída no século XIX pelo discurso médico, a fim de instaurar uma nova divisão entre a norma e o desvio, no momento em que desmoronava o ideal do patriarcado. Foucault incluiu nesse discurso a doutrina freudiana da sexualidade, embora reconhecendo que esta permitira escapar dele. Daí sua situação paradoxal — ao mesmo tempo, uma teoria normalizadora e um instrumento de contestação permanente dessa norma (Plon & Roudinesco, 1998).

Essa sexualidade construída no século XIX ainda tem ecos na contemporaneidade acerca de temas que desde sempre marcam, em muitos sentidos negativos, as definições de sexo, como é o caso da prostituição e a homossexualidade. Gruskin & Ferguson (2009) indicam que num estudo realizado referenciado nas legislações de 133 países, 25% apresentam leis de anti discriminação ou proteções para homens e fazem sexo com homens, no entanto, 32% denotam leis que criminalizam de alguma forma as práticas homossexuais. Mais especificamente, 71% dos países do sul e sudoeste asiático apresentam leis neste sentido e 33% dos países subsaarianos/africanos, dificultando por exemplo, o controlo efetivo da prevenção do HIV dentre os homens que tem sexo com homens. E ainda, quanto a prostituição, 21% dos países pesquisados apresentam leis de não discriminação e regulação para proteção de trabalhadores do sexo, e, 44% dos países denotam leis que criminalizam a prostituição, situação ainda mais flagrante. Evidenciam-se assim diferenças no discursos das sexualidades, e a maneira como produção destas verdades sobre os sexos estão impregnadas nos dispositivos institucionais que se responsabilizam por controlar as atividades sexuais, e também, reprimir, afetando as significações, comportamentos e sentimentos dos sujeitos sobre o sexo.

1.5 Orientação sexual – hipóteses e diferenciações

Segundo a Associação Americana de Psicologia, a APA (2008), a orientação sexual define-se por padrões duradouros de atração, emocional, romântica, sexual de um sujeito por homens, mulheres ou ambos os sexos. Tais modelos são encontrados nos sujeitos inseridos em diferentes culturas e sociedades. É em si um processo contínuo e pode caracterizar-se exclusivamente pela atração ao sexo oposto ou ao mesmo sexo. Desta maneira, usualmente encontram-se três categorias representativas para a orientação sexual – a heterossexualidade, a homossexualidade (gays e lésbicas) e a bissexualidade (Molina, 2011).

A orientação sexual distingue-se portanto do sexo biológico (homem ou mulher), da identidade de género (masculino ou feminino) e aos papéis de género (normas socio culturais de referência dos comportamentos masculinos e femininos), estando a orientação sexual intimamente ligada aos relacionamentos íntimos e pessoais (Kimmel, 2005; APA, 2008). Tais padrões normalmente manifestam-se durante a infância e a adolescência, sendo assim os sujeitos capazes de saber em e, ganharem consciência, sobre sua orientação sexual. Pesquisas apontam que possíveis componentes genéticos, sociais, hormonais e culturais influenciam a orientação sexual (Castelo-Branco, Huezo & Lagarda, 2008; Alves & Tsuneto, 2012).

O termo bissexualidade, teve origem nas teorias de Darwin sobre a evolução, e que consequentemente, foi assumido pelos estudos emergentes do fim do século XIX sobre o sexo e a sexualidade, de forma semelhante, essa apropriação ocorreu com os termos heterossexualidade e homossexualidade. Bissexualidade é compreendida como o amor afetivo-sexual entre pessoas que se relacionam deste modo tanto como outros do mesmo sexo quanto do sexo oposto. Na década de 40, a bissexualidade, quanto a homossexualidade, o hermafroditismo e também o travestismo, ora muitas vezes confundidos como transexualidade, passaram a enquadrar-se numa nova categoria sexual, o terceiro sexo (Plon & Roudinesco, 1998).

Dentre as classificações encontradas para a orientação sexual, a homossexualidade aparece como categoria amplamente investigada nos últimos 200 anos por ciências biopsicossociais. No último século foi desconsiderada como doença na Classificação Internacional de Doenças (CID) em 1948, e, deixou de ser classificada como patologia quase trinta anos depois pela Associação Psiquiátrica Americana e pela Associação Americana de Psicologia (APA, 2008; Alves & Tsuneto, 2012).

Ou seja, a homossexualidade, após a transição do *status* de patologia nos finais dos anos 90, foi definida como um traço natural, portanto, um dos quatro elementos que compõe a sexualidade humana (sexo biológico, identidade de género, orientação sexual e papel de género) (Steensma et al, 2013), sendo assim, a homossexualidade também configura-se como uma orientação sexual complexa na qual diversificados fatores de ordem genética, psicológica, bio fisiológica e socioculturais estão envolvidos na sua constituição (Alves & Tsuneto, 2012).

Recentes estudos, no campo bio fisiológico, apontam possíveis relações de causas e efeitos de componentes genéticos, hormonais, condições imunológicas, e também dismorfismos sexuais no cérebro, até mesmo a ordem do nascimento poderiam estar implicados na orientação sexual, desta forma, segundo Alves & Tsuneto (2012), a imunidade materna a antígenos do grupo H-Y masculinos, é um processo que em decorrência de sucessivas gestações, tende a contribuir na influência da ordem do nascimento no fenótipo da orientação homossexual, ou seja, até 30% dos homossexuais teriam sua orientação sexual condicionado ao efeito da ordem do nascimento. Ainda neste estudo, a exposição pré-natal a elevados níveis de testosterona caracterizaria uma hipótese de híper-androgenização do córtex cerebral, processo este que também resultaria na homossexualidade enquanto orientação sexual.

A hipótese dos genes a contribuírem na orientação sexual homossexual, referem-se a um polimorfismo genético equilibrado que compõe em parte a diversificação da orientação sexual humana: a homossexualidade humana em parte tem hereditariedade genética (Alves & Tsuneto, 2012; Rice, Friberg & Gavrillets, 2013). Os marcadores epigenéticos, mais especificamente, os reguladores da sensibilidade hormonal da testosterona aos embriões, relatam-se com a suposição dos estudos que apresentam indícios dos aspetos hereditários da homossexualidade.

Outras hipóteses genéticas, que fundamentam a suposição hereditária da orientação sexual homossexual, consideram uma predisposição em até 45% do cromossomo X (Castelo-Branco, Huezo & Lagarda, 2008) estar relacionado com a orientação sexual. Homossexualidade e transsexualidade concebem em si fatores hereditários em sua constituição, e, a importância desta resultante denotaria valores que compreendem os 31 a 70% para os homens e 27-76% para as mulheres a nível de implicação cromossômica dos genes X.

As regiões 7q36, 8p12 e 10q26 mais especificamente estão descritas nas pesquisas que apontam as relações cromossómicas com a orientação sexual, mas, segundo Alves & Tsuneto (2012), ainda são necessários estudos comprobatórios. Pesquisas realizadas com gémeos univitelinos, apuraram que 52% dos gémeos monozigóticos partilhavam da mesma orientação sexual, para os dizigóticos a percentagem é de 22% e para os irmãos não gémeos sendo homossexuais, 11%. Por fim, o índice de 3-20% dos homens e 2-9% das mulheres homossexuais (estimativas) apontam como não plausíveis as hipóteses de mutações genéticas aleatórias a desencadearem a orientação homossexual, sendo assim as hipóteses de fundamentação etiológica da orientação sexual homossexual carecem de mais estudos, visto que diversas pesquisas divergem-se a respeito do que pode efetivamente ser tido como principal causa da homossexualidade, sendo portanto até o presente momento esta dimensão investigada e compreendida numa ordem multiaxial.

1.6 Homossexualidade

A homossexualidade denomina-se pela preferência sexual por indivíduos do mesmo sexo. Na Grécia antiga e Roma, o termo homofilia (amor entre iguais) faz menção a uma prática, que era tolerada em uma via, e concebida como maneira justa de amor verdadeiro em outra, diferente portanto, do casamento que era na época sinónimo de respeito, amizade e dever social – tal compreensão da sexualidade denominava implicitamente a posição do homem e da masculinidade na sociedade greco-romana (Chauí, 1984; Duarte & Mesquita, 1996; Foucault, 1998). Nesta cultura, naturalidade e comedimento, e também o ascetismo enquanto preocupação cívica enquanto auto controlo de si e da polis, eram premissas que organizavam a vivência e entendimento acerca do amor entre iguais. Em diversas sociedades e tribos os comportamentos homossexuais eram e ainda são permitidos e aceites (Castelo-Branco, Huezo & Lagarda, 2008)

Os termos específicos que referem-se a prática sexual, afetiva e amorosa entre pessoas do mesmo sexo, a homossexualidade surgiram século nos finais do século XIX, em 1869 com o médico húngaro Benkert em substituição de termos como inversão, uranismo, safismo e lesbianismo (Weeks, 1981; Plon & Roudinesco, 1998; Molina, 2011, Martins-Silva et al, 2012). Historicamente, a homossexualidade e os comportamentos homossexuais foram descritos tanto como exaltação do amor, quanto anormalidade, perversão e pecado (Chauí, 1984; Foucault, 1998; Martins-Silva et al, 2012).

Para a cultura-judaico cristã, a homossexualidade era concebida como desvio por possessão, o que consentia uma ausência de consciência ou responsabilidade por quem a praticava, para o estado o homossexual era tido como um criminoso, e, para a psiquiatria, o homossexualismo, fundamentado no etiologicamente como psicopatológico, sendo compreendido como um processo inerente, diferente ao ato sexual, e por sua vez dotado de consciência e responsabilidade por quem pratica (Toledo & Pinafi, 2012). Estas mudanças no conceito de homossexualidade, detém de maneira subjacente uma componente histórica acerca deste tema, e mais do que isso, uma conceção de que toda a homossexualidade é também, além de narrativa, situacional (Weeks, 1981).

Neste curso, crenças de causa e efeito associam-se a homossexualidade: as tentações demoníacas, o distúrbio psicológico e fraqueza moral, assim, ao logo da história, mais especificamente nas culturas orientais e eurocêtricas, a igreja, o estado e a ciência ao se

ocuparem da sexualidade, também conceptualizaram sobre a homossexualidade (Chauí, 1984; Foucault, 1998; Pereira et al, 2013).

Segundo Plon & Roudinesco (1998) com psicanálise, a leitura da sexualidade e consequentemente da homossexualidade, desprende o discurso patológico da medicina psiquiátrica que associava o comportamento homossexual como tara, degeneração, distúrbio de identidade ou personalidade, caracterizando consequentemente o homossexual como passível de ódio e repúdio. A psicanálise emergiu como crítica a fundamentação darwinista, relações entre hereditariedade e seleção natural da sexualidade e as designações classificatórias da sexologia associada a nosologia psiquiátrica, que por sua vez, ascendia-se como um conhecimento dotado de procedimentos científicos e que, implicitamente, sobrepujava a conceção de pecado, oferecendo de modo subjacente ao estado a possibilidade de julgar o homossexual como delito no início do século XX.

Freud descrevia a homossexualidade como uma dentre todas as outras variantes comuns dos traços neuróticos, e, até mesmo como derivação da bissexualidade, como escolha do inconsciente, uma renegação ao processo de castração decorrente do complexo edípico. Ainda assim, para a psicanálise freudiana, os comportamentos homossexuais encontravam-se no âmbito das perversões, tido portanto como um desvio a uma norma padronizada de cunho estrutural, não necessariamente social. Com este movimento, lê-se uma separação de quaisquer caracteres pejorativos (Plon & Roudinesco, 1998). Ou seja, a psicanálise introduziu a homossexualidade como possibilidade universal da sexualidade humana, mas, renunciou os entendimentos inatos ou naturais ou culturais, como um único propósito de atribuir a orientação sexual ao desígnio do inconsciente. Freud portanto concebia a homossexualidade como fenómeno de origem psíquica, e denotava o esclarecimento de que “transformar um homossexual plenamente desenvolvido num heterossexual é uma empreitada com tão poucas probabilidades de êxito quanto a operação inversa (...)” (Plon & Roudinesco, 1998, p. 354).

No entanto, dentro do círculo da psicanálise no início do século X, a homossexualidade foi compreendida como um continente negro e diversos discípulos apresentavam ideias divergentes sobre o tema, sendo até mesmo muitos deles contrários, como Anna Freud, a aceitar que um psicanalista pudesse ser homossexual, e outros, como Lacan e Otto Rank tiveram uma postura de abertura e de compreensão acerca do tema e consequentemente nas intervenções clínicas com sujeitos homossexuais. Em 1935 Freud

respondeu a uma norte-americana mãe de um homossexual, o que em suma denota sua posição diretiva sobre a homossexualidade:

“A homossexualidade não é uma vantagem, evidentemente, mas nada há nela de que se deva ter vergonha: não é um vício nem um aviltamento, nem se pode qualificá-la de doença; nós a consideramos uma variação da função sexual provocada por uma suspensão do desenvolvimento sexual. Diversos indivíduos sumamente respeitáveis, nos tempos antigos e modernos, foram homossexuais, e dentre eles encontramos alguns dos maiores de nossos grandes homens (Platão, Leonardo da Vinci etc.). É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como um crime, além de ser uma crueldade (Plon & Roudinesco, 1998).”

Chauí (1984) considera que nas sociedades ocidentais, culturalmente a homossexualidade, é vista como escolha ocasional ou definitiva dos parceiros sexuais, deste modo, com medicalização classificatória, o homossexual tornou-se uma entidade nosológica, um espécie sexual – em comparação direta com as disciplinas da zoologia e da botânica. Para Foucault (1998), a homossexualidade subentende-se nos quatro grandes conjuntos estratégicos do discurso sobre a sexualidade no século XVIII, que são definidos como a histerização do corpo feminino, a pedagogia sexual da criança, o viés social para as práticas reprodutivas e a psiquiatria da perversão - discursos de produção da própria sexualidade humanas e suas possibilidades. Tais discursos sobre a sexualidade, no escopo da *scientia sexualis*, são em constituição técnicas de investigar, catalogar e classificar o sexo, e a sexualidade, com propósito de produzir verdades sobre o sexo, assim, a homossexualidade direta e indiretamente foi objeto de escrutínio (Chauí, 1984; Foucault, 1998).

Weeks (1981) concebe historicamente a homossexualidade e argumenta a impossibilidade de tratar deste tema em uma categoria particular, exclusiva, mas sim, como variáveis e diversificadas experiências entre pessoas do mesmo sexo na sociedade ocidental. Deste modo, ao longo dos dois últimos séculos a sociologia e a psicologia no âmbito das ciências humanas ocuparam-se com notoriedade em classificar e buscar pela natureza da orientação homossexual ao investigar comportamentos, papéis de género e as identidades *gay*.

Historicamente, três grandes marcos da construção da sequência narrativa da homossexualidade são definidos pelo entendimento da homossexualidade como experiência sexual diferente, e de caráter hereditário da sexologia; de perversão a inversão e os conflitos

da homossexualidade aos mandamentos e escrituras da religião e do estado, e, por fim a revolução sexual dos anos 70, e de modo mais conciso os movimentos gays e a eminente busca pela valorização da homossexualidade em oposição a marginalização (Weeks, 1981).

Até 1530 a homossexualidade detinha o *status* de crime capital, passível de perseguições e execuções (Weeks, 1981). Na Europa durante a idade média, o comportamento homossexual era tido como corrupção do corpo e da natureza divina do homem. No Brasil, durante o período colonial, a homossexualidade era estigmatizada de maneira agressiva. O Direito canónico no território colonial de Portugal, marcou o direito civil até o século XX, com isso, as Ordenações do Reino imprimiram uma avaliação laico religiosa das práticas sexuais e, – as Ordenações Afonsinas referenciavam as heresias e sodomias como um atentado a natureza divina; já as Ordenações Manoelinas conferiam aos sodomitas a ratificação de crime com previsão de punição; por fim, as Ordenações Filipinas garantiam a perseguição e condenação dos pervertidos (Butturi Júnior, 2013).

Weeks (1981) afirma que a homossexualidade foi investigada e pormenorizada de maneira exaustiva durante o século XX, e que a psicologia se ocupava na tentativa e formular bases teóricas da etiologia da orientação sexual homossexual. Já para a sociologia, recaia o entendimento de que para a ambiguidade do travestismo, da transsexualidade, do hermafroditismo e a sexualidade, a solução plausível aos sujeitos destas condições seria assumir os papéis de género heterossexuais, tendendo desta maneira implicitamente a uma naturalização destas sexualidades. O lesbianismo e a homossexualidade masculina, pelo viés histórico, denotariam em si uma interconexão ao se relacionarem com o avanço e desenvolvimento das identidades de género.

Ao discurso sobre o sexo e os corpos (Foucault, 1998), a sexualidade incide sobre o organismo, nas localizações somáticas e anato fisiológicas, sendo que, os prazeres apresentam uma unidade intrínseca, ou, leis de si mesmo, em contraposição, o Interacionismo, a sexualidade exprime-se como possibilidades infinitas, desta maneira, o sexo é inato, e a identidade homossexual é socialmente criada: esta perspectiva teórica ocupa-se maioritariamente em reconhecer e teorizar acerca das disparidades encontradas nos diversos grupos sociais e a articulação do poder e atribuição de rótulos (Weeks, 1981).

O esforço para busca de classificações e etiologias para a orientação sexual e suas variantes, promove segundo Weeks (1984), nada mais do que a noção de que a opressão

caminhe juntamente com um processo de categorização através da coação: criam-se elementos que produzem nada menos que o desejo de reprimir ao repressor. A instituição da família propriamente não condena a homossexualidade, mas sustem um padrão de referência que invalida esta orientação sexual, consequentemente, a sociedade promove uma regulação do comportamento homossexual, o que diretamente é efeito do desenvolvimento da cultura do capitalismo, do poder e diferenciação dos sujeitos.

Sociedades que denotam conformidade com a homossexualidade, tem a propensão de apresentar uma elevada proporção de sujeitos que já vivenciaram atividades sexuais e afetivas com outros do mesmo sexo. Ao contrário, em sociedades que concebem a homossexualidade enquanto anormalidade, tratando-a com tolerância, denotam uma consciência desta possibilidade de expressão sexual, e consequentemente existe uma maior incidência deste comportamento do que em sociedades que perseguem viciosamente a homossexualidade (Weeks, 1981).

Nos estudos realizados por Kinsey durante a década 40/50, transparecem as evidências de que a homossexualidade e a heterossexualidade só podiam ser compreendidas como um contínuo unidimensional, considerando a bissexualidade como orientação quase que não existente, e uma maior inclinação dos sujeitos em exprimir uma orientação sexual hétero ou homossexual: com isso a maioria das pessoas encontram-se numa posição intermédio, muito mais do que nos seus opostos (heterossexualidade ou homossexualidade exclusiva), no entanto, as teorias de inatismo da orientação sexual nestes estudos eram refutadas veementemente. (Chauí, 1984; Pereira, 2013).

Nos resultados obtidos nos estudos de Kinsey sobre a sexualidade humana, ainda na década de 40, 37% dos homens e 13% das mulheres relataram ter tido contato sexual com ejaculação ou orgasmo com outra pessoa do mesmo sexo. Em um estudo com 5700 sujeitos dos Estados Unidos da América, França e Reino Unido, 11.6%, 11.6% e 7.8% respetivamente dos participantes afirmaram ter tido experiencias homossexuais a partir dos 15 anos de idade. Para a realidade portuguesa, num estudo mais recente com estudantes universitários, apontou que 1.6% dos homens se identificavam como homossexuais, 0.9% como bissexuais, e 0.8% das mulheres definiram-se como lésbicas e 1.4% como bissexuais, ainda, verificou-se que 8.6% dos homens e 15.1% das mulheres já relataram ter tido experiencias homossexuais (Pereira, 2013).

As crenças historicamente construídas pelo social, associam a homossexualidade a padrões de marginalização e promiscuidade, o que fortemente referenciou a identidade homossexual no último século, o que culminou no final da década dos anos 70, uma liberação sexual, que no caso da homossexualidade ficou marcada pela revolta de *Stonewall*, o surgimento do vírus HIV, e, o reivindicar de igualdade direitos que ocorre até a atualidade nas marchas pelo orgulho homossexual, mais propriamente, no ocidente (Vale de Almeida, 1996; Kimmel, 2005; Molina, 2011; Toledo & Pinafi, 2012).

1.7 Atitudes relacionadas a homossexualidade

Pereira et al (2013) afirma que as crenças sociais acerca da homossexualidade são da imutabilidade, ou seja de um inatismo biológico, e também de uma diferença fundamental, ou seja, algo que profundamente diferencia – estigmatiza – o homossexual em relação a todos os outros sujeitos, e também, a crença da universalização, que refere-se ao carácter cultural e historicamente variável para a orientação sexual. Tais crenças concentram em si referências cognitivas ao pensamento sobre este tema, e a natureza atribuída a estas crenças são diversificadas e complexas: a religião, a ética e a moral, a psicologia, a biologia e também a cultura.

O estigma sexual refere-se ao valor negativo, e o défice hierárquico, consequentemente de poder, atribuído aos sujeitos – comportamentos, identidades – que não apresentam de forma clara e evidente a orientação sexual heterossexual (Herek, Gills & Cogan, 1999; Herek, 2007; Faria, 2011; Yu, 2011).

Segundo Modesto (2011), diferentes sentimentos associados a descoberta da homossexualidade dos filhos por parte dos pais que muitas vezes variam no que ela define no campo da semiótica como Paixões de benquerer e Negações de malquerer, com isso, sentimentos de decepção, descontentamento, insatisfação e frustração são, desta maneira, traduzidos nos discursos destas pessoas. Mais negativamente, o desespero, a aversão, o ódio e a exclusão relacionam-se enquanto sentimentos e comportamentos direcionados aos homossexuais pelos seus pais neste processo de descoberta, além das disposições de conformação como no caso da resignação e da indiferença. Desta maneira, conclui que ser heterossexual é desejável e indispensável, ser homossexual é nocivo e indesejável.

As atitudes negativas em relação aos homossexuais estão diretamente ligadas a heteronormatividade, e, as crenças e expectativas acerca papel de género masculino, ou o modo como socialmente espera-se que um homem comporte-se (Matharu et al, 2012). Subentende-se que a masculinidade é socialmente criada como um constructo mais inflexível do que a feminilidade (Gato, Leme & Leme, 2010).

Contudo, as atitudes em relação a homossexualidade diversificam-se consoante a faixa etária, sujeitos mais jovens tendem a se posicionarem de modo mais favorável sobre a homossexualidade do que as pessoas mais velhas. Em 112 estudos sobre a orientação sexual

homossexual, evidenciaram-se indicadores de que, heterossexuais são mais inclinados a apresentar atitudes muito negativas relativamente a homossexualidade, sendo que homens acabam por comportar mais desta forma pejorativa do que as mulheres. E ainda, mais contundentes, são os indícios de que fatores genéticos são associados em hipóteses sobre as atitudes relativamente a homossexualidade, especialmente a homofobia, sendo que também fatores contextuais e ambientais também influenciam estes padrões de comportamento, pensamento e sentimento (Verveij et al, 2008).

Matharu et al (2012) argumenta que 33% dos estudantes de medicina, participantes da investigação que realizada sobre as atitudes dos mesmos em relação aos *gays*, respondeu negativamente ou de maneira ambivalente sobre a homossexualidade ser uma expressão natural da sexualidade, bem como a heterossexualidade, e, ainda sublinha, que provedores de cuidado de saúde que apresentam atitudes negativas face a homossexualidade acabam por oferecer um cuidado inadequado as pessoas LGBT.

Ao analisar as atitudes relativamente a homossexualidade em Portugal e no Brasil, Gato, Leme & Leme (2010) definem quatro variáveis que sustentam tais atitudes: a homopatologização, o heterossexismo, o homossexismo e a homonegatividade. A homopatologização, assim como o enquadramento científico do último século voltado ao diagnóstico e patolgização da sexualidade, refere-se a classificação da homossexualidade passível de intervenção psicomédica, uma entidade nosológica categorizada.

O heterossexismo consiste por sua vez num conjunto de teorias e crenças que afirmam a superioridade dos heterossexuais sobre os homossexuais. Consequentemente o homossexismo caracteriza-se pelas atitudes pejorativas perante a homossexualidade, mais especificamente aos papéis de género do que a orientação de género, em analogia ao heterossexismo, sustenta-se em crenças que valorizam a heterossexualidade como natural e superior a outras orientações sexuais. Por fim, a homonegatividade, conceito mais contemporâneo acerca das atitudes perante a homossexualidade, refere-se ao entendimento que nega a existência de qualquer tipo de discriminação de *gays*, e que os direitos reclamados pelos mesmos não tem qualquer fundamentação ou legitimidade e que os homossexuais ao se expor, exageram na importância dada a sua orientação sexual – sendo por tanto, um procedimento dissimulado de atitudes negativas que em si consistem em manter o funcionamento de práticas discriminatórias, de manter vigente a homofobia.

O Estudo Europeu de Valores (EVS), realizado em 1999 no território português, indicou como resultado uma pontuação abaixo da média europeia no quesito da aceitação da homossexualidade em Portugal, com o escore de 3.19 (Gato, Leme & Leme, 2010). Acerca do preconceito e intolerância em relação a homossexualidade, Modesto (2010) indicou num estudo realizado com 2014 pessoas entrevistadas que 92% concordam que existe preconceito em relação a homossexualidade, e que, 40% dos entrevistados concordam com a afirmação de que a homossexualidade é uma patologia a ser tratada, 57% concordam com a afirmação de que bissexuais são pessoas mal resolvidas, ainda, 23% concordam com a afirmativa de que as mulheres lésbicas são assim por não terem conhecido um homem de verdade, e que 45% dos homossexuais são promíscuos.

Pereira et al (2013), em uma pesquisa com jovens estudantes do secundário, encontrou a proporção de 25% de participantes que não gostariam de ter um homossexual como colega de sala. Para Martins-Silva et al (2012), também em uma pesquisa com jovens estudantes, 21.27% dos adolescentes acreditam que o homossexual masculino aspira em ser mulher, e consequentemente veem isso de maneira negativa, e ainda, 8,1% dos jovens entrevistados apresentaram um discurso negativo perante a homossexualidade, desta maneira, as estatísticas apresentam números evidentes de um conjunto de atitudes, sentimentos e crenças que fundamentam a existência de processos de exclusão da homossexualidade, a homofobia.

A homofobia caracteriza-se por um processo de exclusão sobre a homossexualidade, e consequentemente, a não conformidade com ideais e padrões heteronormativos, sendo assim, compreendido pelo conjunto de atitudes cognitivas negativas e de natureza afetiva a nível social, sendo que, mecanismos ideológicos, psicopatologizantes, jurídicas e religiosos subjazem este processo. O conceito foi utilizado pela primeira vez por K. Smith em 1971, em definido por Weinberg em 1972 como o pânico de partilhar o mesmo espaço com homossexuais (Gato, Leme & Leme, 2010; Toledo & Pinafi, 2012).

Segundo Molina (2011) o processo de homofobia relaciona-se com sintomas como os da neurose de frustração sexual, o suicídio e agressões hétero-dirigidas, muitas vezes a culminar em crimes. Kimmel (2005) suporta a teoria de que a Masculinidade em si também é homofobia, e que os modelos de referência ao papel de género masculino consolidam fortes tendências de intolerância, agressividade e rebaixamento em relação a homossexualidade - um esforço em suprimir o desejo homoerótico – sendo também a homofobia causa de outros processos de exclusão como o sexismo e o racismo.

‘Ser homem é ser homofóbico’, argumenta Herek (1998), assim, indivíduos masculinos são os que manifestam mais elevados níveis de homofobia (Kerns & Fine, 1994; Gato, Leme & Leme, 2010). Toledo & Pinafi (2012) definem que a homofobia e a homofobia internalizada podem fazer com quem homossexuais experimentem padrões de isolamento afetivo, sexual e social – o que consequente limita exponencialmente o desenvolvimento social e profissional destas pessoas, com isso, homossexuais tendem a interiorizar a violência gerada pela homofobia, reprimindo-a ou deslocando essa violência para outros ou a si mesmo, o que também produz adoecimento, como a depressão e também atitudes auto-destrutivas. Diversos estudos demonstram relações diretas entre a orientação sexual com a depressão, com o suicídio e o stress (Yu, 2011). Até 30% dos suicídios que ocorreram na adolescência podem estar relacionados com questões ligadas a identidade sexual, ou seja:

“A vivência da homossexualidade pode se expressar de forma irresponsável, como: colocar-se em situações de risco em que possa sofrer violências homofóbicas ou práticas de sexo não-seguro, passando também pelo consumo descomedido de drogas e álcool – comportamentos possibilitados pela não -consciência da internalização da homofobia.” (Toledo & Penafi, p.151)

Ao homossexual, o reconhecimento da própria identidade sexual, desencadeia conflitos internos e com a sociedade, o que maioritariamente, pode implicar em autoexclusão, vivência e exposição de situações de risco. A norma heterossexual opera por meio da problematização do que apenas aparentemente é seu oposto, sua irmã gêmea, a homossexualidade (Miskolci, 2009, p.271), ainda assim, temos o Brasil que é opais nº1 no ranking de crimes com motivação homofóbica (Pereira et al, 2013). Sujeitos homofóbicos tendem a apresentar traços de dominância social, serem detentores de crenças religiosas e atitudes tradicionais em relação a família e a aderência aos papéis de género, muitas vezes tem baixa escolaridade e raras interações sociais como homossexuais - sujeitos heterossexuais são mais homofóbicos que sujeitos não heterossexuais (Verweij et al, 2008).

Contudo, mudanças de atitudes sociais e culturais também promovem uma maior tolerância acerca da homossexualidade, como por exemplo o número crescente de países que aprovaram a união de facto entre pessoas do mesmo sexo, como Portugal em 2001 (Gato, Leme & Leme, 2010), sendo que na constituição portuguesa, figura o principio de igualdade que se refere aos direitos em que:

1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei. 2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual (Portugal, Constituição da República, 2005)

Desta forma, Martins-Silva et al (2012) ao investigar a atitudes de jovens adolescentes em relação a homossexualidade, encontrou indicadores que apontam a percentagem de 62, 77% dos participantes concordam com a afirmativa de que a orientação homossexual é uma atração/opção que deve ser respeitada. Outro marco de aceitação da homossexualidade como identidade de género e papel de género válido é em relação a adoção homoparental. Sobre este aspeto, Pereira et al (2013) afirma 38.8% de pessoas favoráveis a adoção de crianças por um casal homossexual na sua pesquisa, no entanto, num estudo anterior feito por Modesto (2010), 47% dos entrevistados concordaram com a afirmativa de que casais homossexuais não devem assumir a parentalidade de crianças.

As estatísticas acerca das atitudes em relação a homossexualidade, apresentam valores elevados para tendências que fundamentam o discurso de ódio da homofobia, bem como as crenças sociais de dominância, exclusão e preconceito a respeito deste tema e também os sentimentos pejorativos associados a conceção da homossexualidade. Consequentemente, as atitudes perante a homossexualidade, encontram-se impregnadas de características muito mais negativas do que positivas, afetos e cognições acerca da homossexualidade enquanto expressão da sexualidade, e também, as identidades e papéis de género relacionadas a orientação sexual *gay*. Segundo Faria:

‘...estes aspectos (afetivos e cognitivos) seriam particularmente relevantes, quer na construção, quer na manutenção de estereótipos negativos, sendo assim importante incluir no estudo das atitudes relativas à homossexualidade os aspectos de carácter cognitivo, os de carácter afetivo, bem como as interações que entre eles pudessem ocorrer. ‘(Faria, 2011, p. 7)

Ou seja, perceber os valores, maioritariamente negativos, relacionados as atitudes em relação a homossexualidade, implica investigar os padrões de cognitivos, comportamentais e afetivos subjacentes – o modelo tripartido – (Van de Vem, 1996; Faria, 2011), compreender

os componentes que revelam em si a fundamentação do entendimento dos sujeitos acerca do que é ser homossexual.

2. Metodologia – Objetivos e Hipóteses

2.1 Objetivo Geral

Analisar as relações dos componentes cognitivos, afetivos e comportamentais das atitudes perante a homossexualidade e as influências da adesão ao papel de género nestas relações.

2.2 Objetivos Específicos

Recolher dados numa amostra aleatória simples utilizando como instrumento um questionário contendo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Questionário Sociodemográfico, Escala de Orientação Sexual Kinsey, Escala de Estilo Religioso, QOH, HGIS-S, ATLG-S, ARHS (Feminino e Masculino) e HBSSPT.

Criar uma base de dados estatística com o SPSS, de modo a cruzar os dados probabilísticos provenientes das informações colhidas nos questionários e criar um estudo estatístico acerca das variáveis e das escalas utilizadas neste estudo.

Revisar as teorias descritas na literatura, artigos e livros: modelo tripartido, de teorias sobre a sexualidade, teorias sobre a homossexualidade, teorias sobre o papel de género e acerca das atitudes em relação a homossexualidade. Analisar os dados provenientes do cruzamento das informações com base nos modelos revisados anteriormente.

Discutir as possíveis relações dos aspetos cognitivos, afetivos e comportamentais face ao conceito de homossexualidade e na adesão ao papel de género com base nos resultados estatísticos da amostra de participantes desta pesquisa.

2.3 Hipóteses

Em consonância com a amostra levantada para esta investigação das relações entre as atitudes perante a homossexualidade e o processo de aderência aos papéis de género, temos que dos 194 participantes da amostra, encontramos uma percentagem próxima de indivíduos do sexo masculino e feminino, 43,8% para os homens e 56,2 para as mulheres, sendo que a

idade dos participantes variou entre 18 e 65 anos, com uma média de 30,7. Acerca das hipóteses delimitadas para esta pesquisa, inicialmente:

- a) Esperam-se possíveis diferenças significativas entre homens e mulheres relativamente as atitudes perante a homossexualidade, que estas diferenças possam estar influenciadas pelo processo de adesão ao papel de género. Neste sentido, supõe-se que homens tendem a demonstrar elevadas tendências a apresentar atitudes, muitas vezes negativas, em relação a homossexualidade, ou seja, mais do que as mulheres;
- b) Sobre a hipótese em que esperam-se diferenças significativas acerca das atitudes em relação a homossexualidade para diferentes grupos etários, supõe-se que os mais jovens apresentem tendências variadas do que espera-se para pessoas mais maduras. Neste estudo foram delimitados grupos etários com a finalidade de classificar estas diferenças, desta forma, os quatro grupos deste estudo são nas faixas etárias de sujeitos com idades abaixo dos 22 anos; entre 22 e 28 anos de idade; entre 28 e 36 anos de idade, e, acima dos 36 anos de idade;
- c) Relativamente a hipótese em que esperam-se evidências de diferenças nas atitudes dos participantes perante a homossexualidade no tocante da influência da religião nas suas vidas, temos desta maneira para esta pesquisa três grupos de participantes - os que declaradamente não possuem religião, os católicos e os que tem uma religião diferente da católica, aqui classificada como Outra. Com a delimitação destes três grupos, supõe-se a existência de significativas diferenças entre os sujeitos com e sem religião, e possivelmente entre os sujeitos católicos e os com outras religiões;
- d) Para a hipótese em esperam-se diferenças no âmbito das habilitações literárias dos sujeitos participantes em relação as atitudes face a homossexualidade, desta forma, cinco grupos foram delimitados nesta pesquisa: os que possuem Ensino primário; com Secundário Incompleto; com Secundário Completo; os que possuem Superior Incompleto, e, os que possuem Superior Completo. Supõe-se que grupos com

menos escolaridade apresentem pontuações diferenciadas relativamente aos grupos com mais escolaridade acerca das atitudes em relação a homossexualidade;

- e) A respeito da hipótese onde esperam-se diferenças relacionadas ao estado civil quanto as atitudes perante a homossexualidade, tem-se para este estudo quatro grupos na qual os participantes foram ordenados: os solteiros; os casados; os separados, e, os viúvos. Supõe-se evidências de diferenças entre os participantes destes grupos, especialmente entre aqueles que ainda não contraíram matrimónio com os que já se casaram;
- f) Por fim, esperam-se diferenças significativas no que diz respeito a orientação sexual dos participantes e seus comportamentos, pensamentos e sentimentos sobre a homossexualidade. Neste estudo, foram caracterizados seis grupos baseados nos estudos Kinsey (1948) sobre a sexualidade humana, delimitando as seguintes possibilidades para orientação sexual dos sujeitos participantes desta pesquisa, temos assim quem defina-se: Exclusivamente Heterossexual; Raramente Homossexual; Ocasionalmente Homossexual; Igualmente Hetero e Homossexual; Ocasionalmente Heterossexual, e, Exclusivamente Homossexual. Deste modo, supõe-se a existência evidenciada estatisticamente nas atitudes perante a homossexualidade dos sujeitos mais heterossexuais em relação aos mais homossexuais.

2.4 Material

2.4.1 Procedimentos

Para esta investigação que realizada a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, na Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, IEPF foram participantes os sujeitos da comunidade local do município de Lisboa, com o consentimento e autorização dos participantes. Cada um dos participantes foi devidamente informado que todos os dados obtidos por meio dos instrumentos de avaliação são anónimos e sigilosos, e que, a qualquer

momento poderiam cancelar a autorização do uso do material obtido nos questionários respondidos pelos mesmos bem como deixar de participar desta pesquisa.

Os participantes responderam individualmente a um questionário composto pelos seguintes itens: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Questionário Sociodemográfico, Escala de Orientação Sexual, Escala de Estilo Religioso, QOH, HGIS-S, ATLG, ARHS (Feminino e Masculino) e HBSSPT. O questionário teve tempo estimado de aplicação que varia entre 20 e 30 minutos. Esta pesquisa caracterizou-se por um estudo transversal, já que os participantes foram avaliados uma única vez e apresenta-se como estudo causal-comparativo já que pretende analisar as relações dos aspetos cognitivos, afetivos e comportamentais das atitudes perante a homossexualidade e a adesão ao papel de género.

2.4.2 Participantes

A amostra é constituída de 194 indivíduos adultos, com idades entre os 18 e 65 anos idade e, com uma média 30,17 (DP=9,46), sendo que 85 são do sexo masculino, 43,8%, e 109 mulheres, 56,2%.

Em relação ao estado civil, tem-se na amostra 125 solteiros, 64,4%, 50 casados, 25,8%, 18 separados, 9,3% e 1 viúvo, 0,5%.

Quanto as habilitações literárias, observa-se a predominância de 85 sujeitos com Ensino Secundário Incompleto, 43,8%, seguidos de 60 sujeitos com Ensino Secundário Completo, 30,9%. Para esta dimensão encontrou-se ainda 41 sujeitos com sujeitos com Ensino Superior Completo, 21,1%, seguidos de 6 sujeitos com Superior Incompleto, 3,1% e 2 sujeitos com Ensino Primário, 1% da amostra total.

Para a dimensão da Orientação Sexual, baseado no questionário Kinsey (1948), encontrou-se para esta amostra de 194 sujeitos, os seguintes resultados para cada uma das possibilidades avaliadas na escala 165 sujeitos Exclusivamente Heterossexuais, 85,1%; 6 sujeitos Raramente Homossexuais, 3,1%; 4 sujeitos Ocasionalmente Homossexuais, 2,1%; 6 sujeitos que consideram-se Igualmente Heterossexuais e Homossexuais, 3,1%; 2 sujeitos Ocasionalmente Heterossexuais, 1%, e, 11 sujeitos Exclusivamente Homossexuais, 5,7% da amostra.

A seguir, para os grupos etários delimitados para esta pesquisa, temos 50 sujeitos com idade até 22 anos, 25,8%; 49 com idades entre 22-28 anos, 25,3%; 48 sujeitos com idades entre 28 e 36 anos, 24,7% da amostra, e, 47 sujeitos com idades acima dos 36 anos, caracterizando desta forma 24,2% da amostra total.

Por fim, para dimensão sociodemográfica da religião encontramos através da Escala de Estilos Religiosos os seguintes resultados para amostra de 194 sujeitos: 78 indivíduos, 40,2% da amostra Sem Religião, 105 indivíduos, 54,1% da amostra de religião Católica, e, 11 sujeitos, 5,7% da amostra com outras Religiões. Ainda, dentro da dimensão da experiência religiosa, quanto a frequência da ida a igreja ou outras reuniões de carácter religioso, temos a predominância de 37,1% dos sujeitos que nunca vão a igreja, e seguidamente pelos que vão uma vez por ano ou menos, com 30,9%. Relativamente ao tempo dedicado a religiosidade, temos a prevalência de nunca ou raramente nas respostas dos participantes, 68,6%, seguidos de 10,8% que responderam ir uma vez por mês.

A respeito do sentimento da presença do divino na vida dos participantes, temos que 40,7% dos sujeitos nunca sentiram a presença do divino em suas vidas, o que segue por aqueles que afirmam sentir as vezes com 19,6%, estes por sua vez estão empatados com aqueles que responderam sentir a presença do divino apenas algumas vezes, apresentando também 19,6%. Acerca das convicções religiosas, encontrou-se com maior prevalência respostas de sujeitos que afirmaram não ter convicções religiosas, assim com 48,5%. Por fim, quanto as atitudes da vida de acordo com a religião, temos que 50% dos sujeitos, responderam não terem atitudes de acordo com a religião, sendo este o número que destaca-se neste aspeto religioso avaliado nesta escala.

Tabela 1 – Características Sociodemográficas da Amostra

	Total Amostra 194	
	<i>N</i>	%
Género		
Homens	85	43,8
Mulheres	109	56,2
Estado Civil		
Solteiro	125	64,4
Casado/União de Facto	50	25,8
Separado/Divorciado	18	9,3
Viúvo	1	0,5
Habilitações Literárias		
Ensino Primário	2	1
Secundário Incompleto	85	43,8
Secundário Completo	60	30,9
Superior Incompleto	6	3,1
Superior Completo	41	21,1
Grupo Etário		
<22	50	25,8
22-28	49	25,3
28-36	48	24,7
>36	47	24,2

Total Amostra 194		
	<i>N</i>	%
Orientação Sexual (Kinsey et al, 1948)		
Exclusivamente Heterossexual	165	85,1
Raramente Homossexual	6	3,1
Ocasionalmente Homossexual	4	2,1
Igualmente Hetero e Homossexual	6	3,1
Ocasionalmente Heterossexual	2	1,0
Exclusivamente Homossexual	11	5,7
Religião		
Sem religião	78	40,2
Católica	105	54,1
Outra	11	5,7
Freq. ida a igreja/outras reuniões religiosas		
Nunca	72	37,1
Uma vez por ano ou menos	60	30,9
Algumas vezes por ano	39	20,1
Algumas vezes por mês	9	4,6
Uma vez por semana	8	4,1
Mais que uma vez por semana	6	3,1

Total Amostra 194		
	<i>N</i>	%
Sentimento da presença do divino		
Totalmente falso	79	40,7
Raramente é verdade	38	19,6
Algumas vezes é verdade	38	19,6
Verdade a maior parte das vezes	17	8,8
Totalmente verdade	22	11,3
Convicções Religiosas		
Totalmente falso	94	48,5
Raramente é verdade	30	15,5
Algumas vezes é verdade	34	17,5
Verdade a maior parte das vezes	20	10,3
Totalmente verdade	16	8,2
Atitudes da vida de acordo com a Religião		
Totalmente falso	97	50
Raramente é verdade	26	13,4
Algumas vezes é verdade	38	19,6
Verdade a maior parte das vezes	22	11,3
Totalmente verdade	11	5,7

2.4.3 Instrumentos

Conjuntamente ao questionário sociodemográfico, os participantes desta pesquisa responderam a Escala de Kinsey (Kinsey, Pomeroy & Martin, 1948) para a avaliação da orientação sexual. Esta escala de sete pontos foi respondida com a escolha de uma melhor opção correspondente a sua orientação sexual o que vai de 0 – Exclusivamente Heterossexual a 6 – Exclusivamente Homossexual.

A seguir fez-se necessário aos participantes responderem a um Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade - QOH (Faria, 2011) onde é pedido que os integrantes da pesquisa respondessem a uma escala de 0 a 10 (onde zero significa nada e dez totalmente) com três dimensões: até que ponto acham a homossexualidade condenável, repugnante e, até que ponto teria uma atitude contra um homossexual.

Para cada dimensão desta escala, pondera-se uma resposta face a homossexualidade masculina ativa, homossexualidade masculina passiva, homossexualidade feminina ativa e homossexualidade feminina passiva. Segundo Faria (2011), os adjetivos Condenável e Repugnante advém de trabalhos de investigação e apresentam elevados níveis de relação com as dimensões cognitiva e afetiva das posturas pejorativas face o tema da homossexualidade. Para esta pesquisa que se utilizou do modelo tripartido em relação a homossexualidade, e para este questionário específico, uma terceira dimensão foi acrescentada com o objetivo de os sujeitos responderem a escala de 0 à 10 sobre até que ponto tomaria uma atitude contra a homossexualidade.

Para a avaliação da dimensão do Hipergénero, os integrantes da amostra desta pesquisa foram avaliados com o *Hypergender Ideology Scale* (HGIS, Hamburger, Hogben, McGowan e Dawson, 1996). Esta escala mede a aderência dos sujeitos, tanto homens quanto mulheres, aos papéis de género e se esse processo ocorre em demasia ou excesso. Segundo Faria (2011), o HGIS teve como base duas outras medidas específicas para o sexo masculino (*Hypermasculinity Inventory* – HMI; Mosher & Sirkin, 1984) e para o sexo feminino (*Hyperfemininity Scale* – HFS; Murnen & Byrne, 1991). Sendo assim, com o HGIS, podendo ser aplicada nos sujeitos de ambos os sexos, foi possível avaliar aspetos fundamentais típicos da hipermasculinidade e da hiperfeminilidade. A escala HGIS original tem 57 itens, sendo que para esta pesquisa foi utilizada a versão reduzida HGIS-S contendo 19 itens.

Cada item do instrumento avaliativo HGIS-S é composto por uma escala tipo *Likert* com 6 pontos onde 1 denota que o sujeito Discorda totalmente e 6 de que Concorde totalmente. No final obtém-se uma pontuação que pode variar de 19 á 114, sendo que para os valores mais elevados no resultado final, mais possível é confirmar um nível de aderência aos papéis de género tradicionais (Faria, 2011). O HGIS-S denota consistência interna de valores entre .88 e .95, o que são valores de correlação satisfatórios (Hamburguer, citado em Faria 2011).

Também foi solicitado aos participantes que respondessem ao ATLG - *Attitudes Toward Lesbian and Gay Men* (Herek, 1984,1998), esta escala que avalia as atitudes de heterossexuais adultos relativamente aos homossexuais masculinos e femininos no âmbito cognitivo. A escala ATLG original era composta de 20 itens de avaliação das atitudes face as lésbicas com 10 itens e em relação aos *gays* também com 10 itens. Concomitantemente a elaboração do ATLG, uma versão reduzida, o ATLG-S foi construída contendo 10 itens e correlações elevadas, $r=.97$ (Faria, 2011).

Em virtude da diversidade de atitudes perante os homossexuais de ambos os géneros, o que pode ser visto através das subescalas de atitudes perante as lésbicas (ATL) e atitudes perante aos *gays* (ATG), os resultados em cada escala não podem ser diretamente comparados, sendo assim, para esta pesquisa foram adotadas cinco itens de cada uma das subescalas, criando uma escala, com 10 itens to total mensurando as atitudes face aos homossexuais femininos e masculinos (Faria, 2011; Hereck, 1994). Este instrumento, utilizado nesta pesquisa, é baseado numa escala tipo *Likert* de 5 pontos entre Discordo muito e Concorde muito, deste modo as pontuações na escala variam entre 5 e 25 pontos, para cada subescala (ATG e ATL) e 10 a 50 pontos no total, onde valores mais elevados correspondem a atitudes mais negativas em relação a homossexualidade.

Estas atitudes negativas podem ser assim interpretadas como intolerância, e as variáveis associadas a essas atitudes são a elevada aderência a papéis de género tradicionais, e as dimensões como conservadorismo e autoritarismos (Faria, 2011; Hereck, 1994; LaMar & Kite, 1998; Schellenberg, Hirt & Sears, 1999; Whitley & Aegisdottir, 2000).

Para a investigação das dimensões afetivas associadas ao entendimento sobre a homossexualidade, foi usada a escala *Affective Reaction to Homosexuality Scale* (ARHS; Ernulf & Innala, 1987; Innala & Ernulf, 1992) compondo assim o protocolo de escalas

aplicadas aos participantes. Na sua primeira versão, a *Affect Adjective Checklist* era composta de uma listagem contendo 15 adjetivos com o objetivo de mensurar a reação dos indivíduos face uma situação hipotética representada numa história curta. Estas histórias eram basicamente sobre o momento em que casais homossexuais, *gays* e lésbicas, e heterossexuais (grupo controlo) contavam a família que iriam viver juntos. Os sujeitos deveriam, após ler uma das histórias, indicar a intensidade pela qual 15 afetos e/ou sentimentos eram provocados depois da leitura numa escala de 0 – nenhum à 3 – bastante (Faria, 2011).

Após aplicações e análises dos resultados obtidos por meio das avaliações com diferentes modelos de ARHS, Ernulf & Innala (1987) definiram dois componentes negativos aos resultados finais deste instrumento de investigação, a *Raiva* e a *Culpa*, e um componente positivo, o *Agrado*. Segundo os autores (Enulf & Innala, 1987), o fator *Raiva* é constituído por três adjetivos – Raiva, Nojo e Desprezo, são fatores negativos face a homossexualidade que tendem a ser exteriorizados na presença de sujeitos homossexuais. Já o fator *Culpa* tem relação com 5 diferentes adjetivos - Embaraço, Culpa, Vergonha, Medo e Incómodo, afetos estes mais sentidos do que expressos, sendo assim associados com um desconforto na presença ou quando se fala de homossexuais (Ernulf & Innala, 1987). Por fim, o fator *Agrado* está ligado aos adjetivos – Contentamento, Satisfação, Encorajamento, Compreensão, Felicidade, Orgulho e Tolerância, sendo assim, um grupo de sentimentos de apoio relativamente aos sujeitos homossexuais. A consistência interna desta escala tem valores iguais ou superiores a .90 para cada uma das subescalas (Faria, 2011).

Nesta investigação, os participantes, homens e mulheres responderam a versão do ARHS contendo a história na qual o casal homossexual da história tem o mesmo sexo do participante inquirido, sendo assim, foi preparado um protocolo para homens e mulheres onde a diferenciação reside nesta avaliação específica.

Como última escala para avaliativa que compõe o protocolo investigativo desta pesquisa, para os aspectos comportamentais face a homossexualidade foi utilizada a versão adaptada da *Homophobic Behavior Of Students Scale* (HBSS; Van de Ven et al., 1993, 1996), a HBSSPT, adaptada para a população portuguesa já que originalmente esta escala foi construída para avaliação no âmbito universitário, sendo que situações concretas do teste não correspondiam as atividades e contextos corriqueiros da cultura portuguesa (Faria, 2011). Os valores de consistência desta escala está entre .81 e .86.

Para a versão HBSSPT, a consistência interna foi de .87 (Faria, 2011). Nesta escala os sujeitos participantes desta pesquisa responderam numa escala *Likert* de 1 a 5, na qual 1 é Totalmente Falso e 5 Totalmente Verdadeiro, a situações hipotéticas e corriqueiras que relacionem comportamentos possíveis face a um homossexual ou sobre o tema da homossexualidade.

3. Resultados

3.1 Análise descritiva e de normalidade das escalas

Inicialmente apresentam-se dados dos totais encontrados na análise de normalidade, significância e fidelidade da QOH (Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade), da HGIS-S (*Hypergender Ideology Scale*), da ATLG-S (*Attitudes Toward Lesbian and Gay Men*), da HBSSPT (*Homophobic Behavior of Students Scale Adaptado para a população Portuguesa*), e, da ARHS (*Affective Reaction to Homosexuality Scale*):

Tabela 2 - Teste de Kolmogorv-Smirnov para as Dimensões QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS.

	<i>Kolmogorov-Smirnov</i>	<i>Sig.</i>	<i>Alfa de Cronbach</i>
QOH	.398	.000	.97 (condenável) .97 (repugnante) .95 (atitude contra)
HGIS-S	.144	.000	.86
ATLG-S	.128	.000	.88
HBSSPT	.156	.000	.88
ARHS	.102	.000	.88 (negativo) .91 (positivo)

A seguir, apresentam-se dados dos totais encontrados na análise descritiva das escalas QOH (Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade), HGIS-S (*Hypergender Ideology Scale*), ATLG-S (*Attitudes Toward Lesbian and Gay Men*), HBSSPT (*Homophobic Behavior of Students Scale Adaptado para a população Portuguesa*), e, ARHS (*Affective Reaction to Homosexuality Scale*) :

Tabela 3 - Média e Desvio padrão das Dimensões QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS.

	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>Variância</i>
QOH Total	10.51	23.45	-
HGIS-S	39.91	14.44	208.55
ATLG-S	39.44	8.29	68.85
HBSSPT	40.86	9.05	82.00
ARHS Total	4.90	9.66	-

3.2 Diferença entre as dimensões e o género

Verificou-se a existência de diferenças estatísticas das escalas entre homens e mulheres com os testes de Mann-Whitney e temos os seguintes resultados:

Tabela 4 - Diferenças entre géneros e nas dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Mann-Whitney).

	Género		<i>Mann-Whitney</i>	<i>Sig.</i>
	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>		
	N=85 <i>Média</i>	N=109 <i>Média</i>		
QOH	105.05*	90.80	390.2	.025*
HGIS-S	120.16*	79.83	270.6	.000*
ATLG-S	89.98	103.37	399.3	.098
HBSSPT	80.36	110.86*	317.6	.000*
ARHS	92.06	101.74	417.0	.233

De acordo com os resultados obtidos nas, observam-se diferenças estatísticas nas médias do género masculino no QOH ($p=105.05$) e no HGIS-S ($p=120.16$) em relação as mulheres. Do outro lado, as mulheres apresentaram diferenças nas médias do HBSSPT ($p=110.86$) em comparação aos homens.

3.3 Diferença entre as dimensões e os grupos etários

Verificou-se a existência de diferenças estatísticas nos resultados das escalas aplicadas aos participantes da pesquisa, escalas essas que foram avaliadas com o teste de Kruskal-Wallis Test, consequentemente têm-se os seguintes resultados:

Tabela 5 - Diferenças entre faixas etárias e nas dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).

	Grupo		Etário			
	<22	22-28	28-36	36>		
	N=50	N=49	N=48	N=47		
	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	χ^2	<i>Sig.</i>
QOH	90.90	106.17	86.95	104.06	6.813	.078
HGIS-S	84.74	111.81*	81.55	106.32*	8.438	.038*
ATLG-S	110.61*	82.31	113.73*	82.82	13.632	.003*
HBSSPT	109.50	88.17	99.71	92.20	4.169	.244
ARHS	98.84	92.96	104.24	93.93	1.233	.745

Nas diferenças nos grupos etários destacam-se diferenças entre os grupos etários dos 22-28 anos e no grupo 36> na dimensão da adesão ao papel de género da escala HGIS-S ($p=111.61$ e $p=106.32$). Relativamente a escala ATLG-S ($p=110.61$ e $p=113.73$), observam-se diferenças significativas no grupo <22 e no grupo 28-36, que apresentaram as maiores medianas. Para as escalas QOH, HBSSPT e ARHS não se encontraram diferenças significativas no que diz respeito aos grupos etários.

3.4 Diferença entre as dimensões e religião e as convicções religiosas

Verificou-se a existência de diferenças estatísticas nos resultados das escalas aplicadas aos participantes da pesquisa no que diz respeito a religião e as convicções religiosas e as atitudes perante a homossexualidade. As escalas foram avaliadas com o teste de Kruskal-Wallis Test, consequentemente têm-se os seguintes resultados:

Tabela 6 - Diferenças relativamente a religião e as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).

	Religião			χ^2	Sig.
	<i>Sem Religião</i>	<i>Católica</i>	<i>Outra</i>		
	N=77	N=105	N=11		
	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>		
QOH	92.00	100.60	97.59	1.707	.426
HGIS-S	90.44	98.52	137.86*	6.961	.031*
ATLG-S	108.47*	92.10	71.27	6.397	.041*
HBSSPT	107.58*	93.06	68.36	6.194	.045*
ARHS	108.96*	91.56	73.00	6.530	.038*

Existem diferenças significativas na relação da medida HGIS-S com a variável religião ($p=.031$), desta forma os indivíduos que responderam ter outra religião denotam elevadas medianas. Para a escala ATLG também encontram-se diferenças significativas nas medianas no que diz respeito a aos indivíduos que responderam não ter religião ($p=.041$). Este grupo de sujeitos que responderam não terem religião também apresentou as medianas mais elevadas na escala HBSSPT ($p=.045$), e, o mesmo ocorreu na escala ARHS, os resultados mais elevados surge no grupo dos indivíduos que responderam não dos sem religião ($p=.38$).

A seguir, foram encontradas diferenças significativas entre as escalas das atitudes perante a homossexualidade e as convicções religiosas, a frequência da ida a igreja e frequência do tempo dedicado a religiosidade:

Tabela 7 - Diferenças relativamente as convicções a nível religioso e frequência da ida a igreja e de tempo dedicado a religiosidade com as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).

		QOH	HGIS-S	ATLG	HBSSPT	ARHS
		<i>Média</i>				
Convicções						
<i>T Falso</i>	N=94	92.32	92.97	102.85	104.46	101.31
<i>R Verdade</i>	N=30	92.92	103.45	103.67	98.48	94.63
<i>A Verdade</i>	N=34	93.47	91.35	102.28	105.28	100.26
<i>V as Vezes</i>	N=20	116.83	105.68	78.20	76.43	90.03
<i>T Verdade</i>	N=16	114.56	115.81	68.47	64.59	83.94
χ^2		8.167	3.486	8.159	10.521	1.886
<i>Sig.</i>		.086	.480	.086	.033*	.757

Constatam-se diferenças significativas somente entre as médias da escala HBSSPT relativamente as convicções religiosas ($p=0.033$), mais elevadas para os que responderam positivamente a esta escala. Em sequência, a tabela que mostra as evidências de diferenças entre as escalas e a frequência da ida a igreja:

Tabela 8 - Diferenças relativamente a frequência da ida a igreja com as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).

		QOH	HGIS-S	ATLG	HBSSPT	ARHS
		<i>Média</i>				
Freq. Ida						
<i>Nunca</i>	N=72	93.23	100.90	111.40	103.35	101.02
<i>Uma V Ano</i>	N=60	89.71	86.26	92.63	90.07	97.22
<i>Algumas V</i>	N=39	93.09	104.36	100.76	98.55	93.88
<i>Alg V Mês</i>	N=9	108.72	122.06	75.50	72.44	72.06
<i>Uma V Sem</i>	N=8	120.94	100.44	44.63	53.13	43.69
<i>Mais V Sem</i>	N=6	-	83.75	61.83	-	-
χ^2		5.027	3.046	13.636	8.711	9.714
<i>Sig.</i>		.285	.693	.009*	.069	.046*

Encontram-se evidências de diferenças significativas com as médias da escala ATLG-S com a variável da ida a igreja ($p=0.009$) sendo que, os participantes que responderam nunca frequentarem a igreja denotaram elevadas médias. Também foram encontradas diferenças significativas nas médias relacionadas com a escala ARSH com a frequência da ida a igreja ($p=0.046$) na qual também os participantes que responderam não ir a igreja nunca apresentaram as médias mais elevadas. A seguir apresentam-se as diferenças entre as escalas e o tempo dedicado a religiosidade:

Tabela 9 - Diferenças relativamente a frequência de tempo dedicado a religiosidade com as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).

		QOH	HGIS-S	ATLG	HBSSPT	ARHS
		<i>Média</i>				
Freq. Tempo						
<i>Nunca ou R</i>	N=133	93.47	95.97	100.90	100.17	98.85
<i>Uma V Mes</i>	N=21	93.02	106.55	109.83	91.83	88.12
<i>Uma V Sem</i>	N=10	100.70	84.10	65.40	73.00	91.05
<i>Alg V Sem</i>	N=16	89.94	93.97	101.47	90.44	94.66
<i>Uma V Dia</i>	N=10	121.75	95.85	75.95	71.70	72.25
<i>Mais V Dia</i>	N=4	-	152,50	38.00	-	-
χ^2		4.532	5.129	10.890	4.784	2.734
<i>Sig.</i>		.339	.400	.054	.310	.603

Os resultados encontrados denotam que não existem evidências de diferenças significativas entre a frequência do tempo dedicado a religiosidade a as escalas que medem as atitudes perante a homossexualidade, o também ocorreu para a dimensão do sentimento da presença do divino, que não apresentou quaisquer significâncias com as escalas.

3.5 Diferenças entre as escalas e o Estado Civil

Verificou-se a existência de diferenças estatísticas nos resultados das escalas aplicadas aos participantes da pesquisa no que diz respeito a variável sociodemográfica estado civil as atitudes perante a homossexualidade. As escalas foram avaliadas com o teste de Kruskal-Wallis Test, consequentemente têm-se os seguintes resultados:

Tabela 10 - Diferenças relativamente a frequência de tempo dedicado a religiosidade com as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).

	Estado		Civil			
	<i>Solteiro</i>	<i>Casado</i>	<i>Separado</i>	<i>Viúvo</i>		
	N=125	N=50	N=18	N=1		
	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	χ^2	<i>Sig.</i>
QOH	93.68	109.36	80.22	-	7.419	.024*
HGIS-S	93.35	98.89	125.11	50.00	4.223	.238
ATLG-S	102.42	87.35	96.83	1.50	5.560	.135
HBSSPT	100.79	93.38	91.42	2.00	3.840	.279
ARHS	101.46	90.10	95.94	1.00	4.465	.215

Encontram-se diferenças significativas nas médias encontradas nos grupos de solteiros (p=93.68), casados (p=109.36) e separados (80.22) com a escala que mede as opiniões sobre a homossexualidade, a QOH (p=.024). No entanto não foram encontradas diferenças entre as médias da variável estado civil com as outras escalas aplicadas.

3.6 Diferenças entre as escalas e as Habilitações Literárias

Verificou-se a existência de diferenças estatísticas nos resultados das escalas relativamente as habilitações literárias dos participantes da pesquisa e as atitudes perante a homossexualidade. As escalas foram avaliadas com o teste de Kruskal-Wallis Test, consequentemente têm-se os seguintes resultados:

Tabela 11 - Diferenças relativamente a frequência de tempo dedicado a religiosidade com as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).

	Habilitações Literárias					χ^2	Sig.
	<i>En. Pr.</i>	<i>Sec. In.</i>	<i>Sec. C.</i>	<i>Sup. In.</i>	<i>Sup. C</i>		
	N=2	N=85	N=60	N=6	N=41		
	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>		
QOH	179.75	106.08	89.20	109.58	83.93	16.710	.002*
HGIS-S	180.00	102.74	86.13	107.50	97.80	7.719	.102
ATLG-S	5.25	90.79	109.83	81.75	100.17	10.138	.038*
HBSSPT	16.00	85.93	109.33	88.42	109.49	12.634	0.13*
ARHS	22.00	83.91	111.00	63.92	114.42	18.018	.001*

Encontraram-se diferenças significativas entre a escala QOH em relação a habilitação literária ($p=0.002$). Diferenças significativas também foram encontradas relativamente as médias das habilitações literárias em relação a escala ATLG-S, desta forma, os participantes com Secundário Completo e Superior completo denotaram as médias mais elevadas ($p=0.038$). Na escala HBSSPT as diferenças significativas também foram encontradas para este mesmo grupo de indivíduos com Secundário Completo e Superior Completo ($p=0.013$). Para a escala ARSH o grupo Secundário Completo e Superior completo, foram o que tiveram medianas elevadas ($p=0.001$). Não foram encontradas diferenças significativas para a escala HGIS-S.

3.7 Diferenças entre as escalas e a Orientação Sexual

Verificou-se a existência de diferenças estatísticas nos resultados das escalas relativamente a dimensão da Orientação Sexual, avaliada com a escala Kinsey (1948) dos participantes da pesquisa e as atitudes perante a homossexualidade. As escalas foram avaliadas com o teste de Kruskal-Wallis Test, conseqüentemente têm-se os seguintes resultados:

Tabela 12 - Diferenças relativamente a orientação sexual e as dimensões das escalas QOH, HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Kruskal-Wallis).

		Orientação Sexual				
		QOH	HGIS-S	ATLG	HBSSPT	ARHS
		<i>Média</i>				
<i>Excl. Hetero</i>	N=165	99.91	97.87	91.21	91.03	89.28
<i>Rar. Homo</i>	N=6	70.50	64.92	153.42	171.00	155.17
<i>Ocas. Homo</i>	N=4	98.75	106.50	94.00	123.75	129.13
<i>Igual Ht/Hm</i>	N=6	87.33	51.42	141.33	148.67	156.58
<i>Ocas. Hetero</i>	N=2	70.50	173.50	110.50	32.00	112.50
<i>Excl. Homo</i>	N=11	77.50	117.73	136.36	128.91	142.86
χ^2		6.098	10.860	17.191	24.734	25.147
<i>Sig</i>		.297	.054	.004*	.000*	.000*

Foram encontradas diferenças significativas nas médias na relação da escala ATLG-S com a orientação sexual dos sujeitos, desta maneira, os indivíduos Raramente Homossexuais, o Igualmente Heterossexuais e Homossexuais e os Exclusivamente Homossexuais foram os que apresentaram as maiores médias ($p=0.004$). Diferenças significativas também foram encontradas nas médias relativamente a escala HBSSPT, no qual o grupo de indivíduos Raramente Homossexuais e os Igualmente Heterossexuais e Homossexuais foram os que tiveram médias mais elevadas ($p=0.000$). O mesmo grupo apresentou elevadas médias também nas diferenças encontradas para a escala ARSH ($p=0.000$).

3.8 Relações entre as medidas ATLG-S, ARSH, HBSSPT e HGIS-S

Com o objetivo de verificar as correlações existentes entre as dimensões que mensuram as dimensões afetivas, comportamentais e cognitivas das atitudes perante a homossexualidade entre si, e a seguir, estas escalas foram com o HGIS-S que mensura a aderência ao papel de género:

Tabela 13 - Coeficiente de correlações entre as dimensões das escalas ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Spearman).

Correlações			
N=194	ARSH	HBSSPT	ATLG-S
ARSH		.625**	.547**
HBSSPT			.655**
ATLG-S			

Com estes resultados constatamos uma alta correlação positiva entre si das escalas ARSH, HBSSPT e ATLG-S que medem os aspetos afetivos, cognitivos e comportamentais implicados nas atitudes relativamente a homossexualidade sendo que a significância de cada uma tem o valor de 0.000. A seguir foi realizada a correlação das escalas das atitudes perante a homossexualidade com o HGIS-S que mensura a aderência ao papel de género:

Tabela 14 - Coeficiente de correlações entre as dimensões das escalas HGIS-S, ATLG-S, HBSSPT e ARHS (Spearman).

Correlações	
N=194	HGIS-S
AHRS	-.431**
ATLG-S	-.563**
HBSSPT	-.514**

É possível constatar uma correlação entre a escala HGIS-S que avalia a aderência ao papel de género com as escalas ARHS, ATLG-S e HBSSPT que medem as atitudes relativamente a homossexualidade, no entanto, numa correlação negativa porém de significância 0.000.

4. Discussão

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as relações dos aspetos cognitivos, afetivos e comportamentais acerca das atitudes perante a homossexualidade e as implicações do processo de adesão ao papel de género. Seguindo este propósito, a partir dos dados encontrados na aplicação dos questionários, a seguir apresenta-se a discussão acerca dos resultados estatísticos.

A caracterização demográfica da amostra denota uma baixa diferença relativamente ao género dos participantes, desta forma, temos 43,8% de homens e 56,2%, sendo assim um resultado equilibrado relativamente aos sexos, no entanto quanto ao estado civil são os solteiros que representam uma elevada parcela da amostra com 64,4% seguidamente dos casados com apenas 25,8%. Quanto as habilitações literárias temos em maioria sujeitos da amostra com o Ensino Secundário Incompleto, representado 43,8% da amostra, seguidos dos sujeitos com Secundário Completo, representando 30,9% da amostra.

No que diz respeito ao grupo etário, temos para esta pesquisa quatro grupos com proporções aproximadas que foram divididos seguindo critério da quantidade em que representavam ao total da amostra, desta maneira, temos o grupo caracterizado por sujeitos com <22 anos de idade, com 25,8% da amostra, sujeitos entre 22-28 anos de idade, sendo 25,3% da amostra, os sujeitos entre 28-36 anos de idade, representando 24,7% do total da amostra, e, o grupo etário 36>, com 24,2% do total da amostra. Relativamente a orientação sexual, temos que 85,1% de sujeitos responderam ser Exclusivamente heterossexuais contra 5,7% de sujeitos que responderam ser Exclusivamente Homossexuais, o que representa uma diferença estatística para os aspetos que envolvam a relação da variável orientação sexual com as atitudes perante a homossexualidade.

Quanto a variável religião, temos um número não tão distante de sujeitos que responderam ser católicos 54,1% em relação aos sujeitos sem religião, 40,2%, no entanto, temos um baixo número de participantes que responderam ter outra religião, 5,7%. Ainda, acerca da vivência da religiosidade, temos nos resultados que a maioria dos sujeitos tendem a denotar uma baixa frequência de ida na igreja e reuniões religiosas, 37,1%, bem como maioria dos participantes respondeu não sentir a presença do divino nas suas vidas, estes representando 40,7%, e ainda, relativamente as convicções religiosas os participantes também em sua maioria pontuaram como totalmente falso, sendo estes 48,5% da amostra, e o mesmo

ocorreu para as atitudes da vida de acordo com a religião, em que 50% dos participantes responderam como totalmente falso.

Analisando descritivamente as escalas utilizadas nesta pesquisa, encontrou-se valores significativos para a fidelidade de cada uma escalas, desta forma, a QOH neste estudo e com esta amostra apresentou para cada uma das suas dimensões, condenação, repugnância e atitudes negativas os valores de .97, .97 e .95, respectivamente como valores para o Alpha de Cronbach. Já a escala HGIS-S apresentou como Alfa de Cronbach o valor de .86, e as escalas ATLG-S e HBSSPT apresentaram o valor de .88 cada uma, a escala ARHS teve para a dimensão negativa da raiva e da culpa o valor de .88 e para a positiva da tolerância .91.

Relativamente a hipótese 1, na qual esperavam-se diferenças significativas no âmbito do género dos participantes da pesquisa, confirma-se que na dimensão das na escala QOH ($p=105.05$) e no HGIS-S ($p=120.16$) calculadas com o coeficiente de Mann-Whitney, os homens são os que apresentaram as médias mais elevadas, ou seja, com estas evidencias, os homens apresentaram uma maior inclinação a exprimir tendências de repugnância, condenação e atitudes contra a homossexualidade do que as mulheres, e mais firmemente guiarem-se pelas significações e sentidos dados papel de género, bem como sua aderência, o que foi descrito por Vale de Almeida (1996) acerca da hegemonia da masculinidade, e a função de dominância envolvida na aderência do papel de género masculino, e o processo hierarquizador presente neste processo, o que muito reflete nas diferenças encontradas nestes resultados acerca da aderência ao papel de género e nas opiniões acerca da homossexualidade.

No entanto, nas outras e escalas, somente na que investigou os aspetos comportamentais, HBSSPT ($p=110.86$), encontraram-se médias mais elevadas para as mulheres, desta maneira, o género feminino nas atitudes relativamente a homossexualidade apresentou uma maior tendência no âmbito do comportamento perante a homossexualidade que os homens. Esta pontuação elevada pode estar diretamente relacionada com a premissa de confissão elaborada por Foucault (1998) acerca do discurso da sexualidade e a ideia de que é socialmente necessário vigiar uns aos outros, atuar/parecer, o que neste caso denotaria que as mulheres apresentassem uma elevada tendência a expressar atitudes de comportamental perante a homossexualidade, uma vez que também a sexualidade das mulheres caracterizou-se nos últimos séculos como objeto de estudo e controlo por parte das ciências médicas, humanas e até mesmo das políticas públicas prerrogativas socio culturais:

' Because I am female, I am expected to aspire to marriage. I am expected to make my life choices always keeping in mind that marriage is the most important [...] We teach girls that they cannot be sexual beings in the way that boys are (Adichie, 2013)

Para a hipótese 2, na qual esperavam-se diferenças significativas entre os grupos etários, foi realizado o teste de Kruskal Wallis e evidenciaram-se diferenças relativamente a idade dos participantes. Desta maneira, relativamente processo de aderência ao papel de género, avaliado pelo HGIS-S, as médias mais significativas foram encontradas em dois grupos etários: os sujeitos com idades entre 22-28 anos e acima dos 36 anos, apresentaram respetivamente as médias de 111.81 e 106.32. Ou seja, estes dois grupos etários, jovens adultos, e adultos apresentaram tendências mais elevadas a responderem de modo mais expressivo a aderência ao papel de género. A seguir, a diferença significativa que surgiu para os grupos etários foi somente para escala que mede os aspetos cognitivos das atitudes relativamente a homossexualidade, o ATLG-S, e diferentemente do HGIS-S, os grupos que apresentaram as médias mais elevadas foram os mais jovens com idades igual ou abaixo dos 22 anos ($p=110.61$) e com idades entre 28-36 anos ($p=113.73$). No entanto, de forma geral os resultados encontrados não evidenciam diferenças significativas acerca das atitudes perante a homossexualidade entre os grupos etários, uma vez que não encontraram diferenças evidenciadas nas escalas HBSSPT e AHRs.

A hipótese 3, na qual esperavam-se diferenças nos resultados das escalas aplicadas aos sujeitos que responderam ser católicos, ou ter uma outra religião, em detrimento dos participantes que responderam não ter uma religião. Deste modo, foram confirmadas diferenças significativas nas médias dos sujeitos sem religião, quanto as atitudes a respeito da homossexualidade, assim, no ATLG-S, no HBSSPT e no AHRs, este grupo apresentou respetivamente para cada escalas as médias de 108.47, 107.58 e 108.96. Ou seja, o grupo de sujeitos que responderam não ter religião evidencia a tendência de exprimir de modo mais notório atitudes relativamente a homossexualidade. Do outro lado os sujeitos que responderam ter outra religião, apresentaram uma elevada média para a escala HGIS-S, 137.86, o que potencialmente denota que estes sujeitos apresentam uma tendência a implicar-se mais ao processo de adesão aos papeis de género masculino e feminino, do que os sem religião ou os católicos. Com estes resultados confirma-se a hipótese de que há diferenças nomeadamente as atitudes perante a homossexualidade e os sujeitos com ou sem religião.

Em continuidade aos aspetos relativos a variável sociodemográfica da religião, foi feita uma análise de três características pertinentes a religiosidade, e primeira delas foi a comparação das Convicções Religiosas com as escalas. Neste sentido, encontrou-se para a escala HBSSPT relativamente aos comportamentos face a homossexualidade, diferenças nas médias dos sujeitos que não denotam convicções (104.46) aos que tem convicções religiosas (105.28). Consequentemente a frequência a ida a igreja comparada as escalas, nos resultados da ATLG-S, encontrou-se uma elevada média (111.40) aos sujeitos que não vão nunca a Igreja e na escala ARHS o mesmo (101.02). No entanto, para a dimensão da Frequência do Tempo Dedicado a Religiosidade, o que também ocorreu para a dimensão do Sentimento da Presença do Divino, não existem diferenças significativas, sendo que de modo generalizado, a análise destes aspetos da religiosidade com as escalas, não denotam diferenças relevantes. Desta maneira, a influência da religião nas atitudes perante a homossexualidade, parece estar mais relacionada com os aspetos culturalmente difundidos da religião judaico-cristã no ocidente, socialmente implícitas, do que propriamente as práticas do âmbito da religiosidade dos sujeitos. É o que se sabe sobre a religião não que o que se vive da religião que influencia as atitudes e relação a homossexualidade (Chauí, 1984).

Quanto ao estado civil, a hipótese número 4, não confirmam-se diferenças significativas relativamente as atitudes perante a homossexualidade e o processo de aderência aos papéis de género. Isto observou-se nos resultados dos participantes acerca do estado civil uma vez que a única diferença significativa evidenciou na escala QOH, na qual os casados apresentaram uma média elevada de 109.36.

Para a hipótese número 5 em que esperar-se que as habilitações literárias poderiam influenciar as atitudes perante a homossexualidade, temos que a hipótese confirma-se visto que para as escalas que medem os aspetos afetivos, cognitivos e comportamentais encontraram-se diferenças significativas e também para a escala que mede as opiniões. Desta forma, nesta última temos médias elevadas para os sujeitos com Ensino Primário (179.75), Secundário Incompleto (106.08) e para sujeitos com Superior Incompleto (109.58). No entanto nas escalas ATLG-S, HBSSPT e ARHS, apresentam médias mais elevadas os sujeitos com Secundário Completo (109.83, 109.33 e 111.00 prospectivamente) e com Superior Completo (100.17, 109.49 e 114.42 respetivamente). Ou seja, no âmbito das opiniões, os sujeitos com pouca escolaridade apresentaram uma maior tendência a denotar repugnância, condenação e a ter atitudes relativamente a homossexualidade. Mas, foram os sujeitos com

mais escolaridade que apresentaram mais voltados a atitudes perante a homossexualidade, quer dizer, quanto mais escolaridade, mais atitudes tende-se a ser exprimida pelos sujeitos da amostra. Existe desta forma uma diferença na abordagem feita ao tema da homossexualidade quer seja por sujeitos com pouca escolaridade, quer seja por sujeitos com mais escolaridade.

Relativamente a hipótese 6 da orientação sexual, confirma-se diferenças significativas relativamente as atitudes perante a homossexualidade: exceto os exclusivamente heterossexuais, os grupos dos raramente homossexuais, dos ocasionalmente homossexuais, dos igualmente heterossexuais e homossexuais, os ocasionalmente heterossexuais e também os exclusivamente homossexuais, apresentaram elevadas médias nas escalas ATLG-S, HBSSPT e ARHS. Ou seja, os sujeitos que nesta pesquisa que não responderam ser exclusivamente heterossexuais na escala Kinsey et al (1948) apresentaram em grande maioria para as escalas que medem os aspetos afetivos, cognitivos e comportamentais médias que confirmam diferenças nas atitudes deste grupo heterogéneo dentro da orientação sexual.

Este resultados podem relacionar-se com os padrões de invisibilidade social em que muitas vezes os sujeitos que não denotam uma conformidade de género (Faria, 2011) quanto aos papéis e a identidade de género podem expressar. Uma vez que os sujeitos que não são Exclusivamente heterossexuais tendem a ocultar socialmente esta característica de suas vidas sexuais, podem concomitante experimentar padrões de atitudes perante a homossexualidade de maneira mais acentuada, muitas vezes pejorativa (Chauí, 1984; Foucault, 1998; Kimmel; 2005, Faria, 2011), do que sujeitos que respondem positivamente a conformidade de género, aos papéis de género e a orientação sexual heterossexual. Nestes resultados, sujeitos não exclusivamente heterossexuais denotam tendências a atitudes perante a homossexualidade.

A correlação de Sperman para as três escalas das atitudes, a ATLG-S, HBSSPT e a ARHS, resultou positivamente quando comparadas entre si e com significância de zero, ou seja, as três escalas apresentam uma forte relação entre si. No entanto, quando relacionadas com a escala que HGIS-S, a correlação resultou negativamente, desta maneira, quanto mais elevada a adesão ao papel de género, mais negativamente são os resultados das medidas dos aspetos cognitivos, afetivos e comportamentais perante homossexualidade, e vice versa.

Por fim, uma das limitações para este estudo foi no fato de muitos participantes negarem-se a responder este questionário uma vez em que o mesmo tratava-se de uma pesquisa acerca da dimensão da sexualidade, homossexualidade, género e identidades exual.

Outra dificuldade surgiu em encontrar sujeitos com diversas qualidades sociodemográficas, mais especificamente quanto a dimensão da religião, da orientação sexual e do estado civil. Desta forma, para resultados mais elucidários com maior relevância para estas variáveis, a amostra deveria ter um número aproximadamente equilibrado de sujeitos nestes quesitos anteriormente citados.

5. Conclusão

Encontraram-se diferenças estatisticamente relevantes entre os sexos masculino e feminino, e as atitudes perante a homossexualidade e a adesão ao papel de género, e também com a religião e a orientação sexual. Constataram-se também correlações positivas entre as medidas utilizadas para mensurar as atitudes no âmbito cognitivo, afetivo e comportamento face a homossexualidade, no entanto, as mesmas escalas relacionadas com a escala da adesão ao papel de género resultou numa correlação negativa, mas pertinente a este estudo.

Em concordância com revisão da literatura e as investigações acerca da mesma temática, pode se constatar que os resultados que denotam diferenças estatísticas entre homens e mulheres sobre as atitudes a respeito da homossexualidade que neste estudo foram encontrados, refletem as teorias, discussões e resultados previamente encontrados em estudos semelhantes ou que tratam de questões da sexualidade, e da orientação sexual homossexual. Desta forma, homens tendem a ter opiniões mais pejorativas relativamente a homossexualidade e aderir com mais expressão ao processo de adesão ao papel de género, noutro ponto de vista, as mulheres tendem a exprimir comportamentos perante a homossexualidade.

Outro processo influenciador que nesta pesquisa também apresentou-se como relevância estatística foi a religião, uma vez que surgiram resultados expressivos entre os sujeitos que responderam ter religião aos que responderam não ter face a atitudes perante a homossexualidade e a adesão ao papel de género. O mesmo ocorreu, no entanto de forma difusa, e que carece de estudos mais aprofundados, relativamente a orientação sexual, na qual os sujeitos que responderam não serem exclusivamente heterossexuais foram os que apresentaram as mais elevadas médias acerca das atitudes face a homossexualidade nos seus três níveis, cognitivo, afetivo e comportamental, ou seja uma das dificuldades encontradas nesta pesquisa, uma vez que seria importante ter um numero mais significativo de sujeitos que não respondessem ser Exclusivamente Heterossexual para esta pesquisa. O fato de muitos participantes, muitas vezes os homens, se recusarem a responder ao questionário desta investigação também caracterizou-se como uma dificuldade. Apesar das limitações, os resultados mostraram diferenças significativas que justificaram-se os caminhos seguidos na elaboração desta investigação, bem como a continuidade de estudos e replicações de projetos semelhantes, uma vez que o tema da homossexualidade ainda para homens e mulheres desperta atitudes afetivas, comportamentais e cognitivas, e que muitas vezes são negativas.

Desta maneira, sugere-se que sejam realizados estudos idênticos, com uma amostra ainda mais significativa utilizando-se destas escalas, com o objetivo de replicar resultados, inferir novas hipóteses, percebendo-se as alterações de consistências relacionadas as atitudes perante a homossexualidade, também com o propósito de elaboração de programas de prevenção e de nortear o trabalho de profissionais da saúde, obviamente psicólogos e terapeutas, sensibilizando-os para intervenção com a população geral e também LGBT sobre a relativamente ao tema da homossexualidade levando em importante consideração o processo de adesão aos papeis de género.

Referências Bibliográficas

- Adichie, C.N. (2013, 29 de Abril). We should all be feminists [Ficheiro de Video]. Disponível em:
<http://tedxtalks.ted.com/video/We-should-all-be-feminists-Chim>
- American Psychological Association. (2008). Answers to your questions: For a better understanding of sexual orientation and homosexuality. Washington, DC: Author. [Retrieved from www.apa.org/topics/orientation.pdf.]
- Alves, e. F.; Tsuneto, I. T. (2013) A orientação homossexual e as investigações acerca da existência de componentes biológicos e genéticos determinantes. Scire Salutis, Aquidabã, v.3, n.1, p.62-78.
- American Psychiatric Association (2000). Diagnostic and statistical manual of mental disorders, fourth edition, text revision, 4th edn. Author, Washington, DC
- Benagiano, G., Mori, M. (2009) The origins of human sexuality: procreation or recreation? RBMOnline - Vol. 18 Suppl. 1.50-59 Reproductive BioMedicine Online; www.rbmonline.com/Article/3414 on web 22 December 2008
- Batista Jr., D.C., Sasseron, B.M (2007) Práticas sexuais e o discurso. Projeto de pesquisa apresentado à disciplina de MIC I. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC – MG). Poços de Caldas, 1-39.
- Butturi Junior, A (2013) Os discursos sobre a homossexualidade brasileira no período colonial. Maringá, v. 35, n. 1, p. 143-152, Ab.-Jun.
- Castelo-Branco, C., Huezo, M.L., Lagarda, J.L.B (2008) Definition and diagnosis of sexuality in the XXI century. Maturitas 60, 50-58
- Channon, A. & Matthews, C.R. (2014) 'It is what it is'. Masculinity, homosexuality, and inclusive discourse in mixed martial arts. Journal of Homosexuality.
- Chauí, M. (1984) Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida. Editora Brasiliense
- Dennerstein, L., Leher, P., Burger, H., Guthrie, J. (2005) Sexuality. American Journal of Medicine. Vol 118 (12B), 59-63.

- Döring, N. M. (2009) The internet's impact on sexuality: a critical review of 15 years of research. *Computers in Human Behavior* 25, 1089-1101.
- Duarte, F. & Mesquita, R. (1996). *Dicionário de Psicologia*.
- Ernulf, K. E. & Innala, S. M. (1987). The relationship between affective and cognitive components of homophobic reaction. *Archives of Sexual Behavior*, 16, 501-509.
- Faria, M. N. P. S. (2011). Homofobia: medo de quê, medo de quem? Análise dos componentes das atitudes homofóbicas. Tese de Doutorado.
- Fortenberry, J.D. (2013) Puberty and adolescent sexuality. *Hormones e Behavior* 64, 280-287.
- Foucault, M. (1999) *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Edições Graal, Rio de Janeiro.
- Foucault, M. (1998). *Historia da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. Edições Graal, Rio de Janeiro.
- Gangestad, W.S & Thornhill, R.(1996) The evolution of human sexuality. *TREE* vol. 11, nº February.
- Gato, J.; Leme, V.B.R. & Leme, A.A. (2010) Atitudes relativamente à homossexualidade em Portugal e no Brasil. *Fazendo Género 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*.
- Gomes, F. A. (2006) *Paixão, Amor e Sexo*. 2ª edição revista, Lisboa.
- Gruskin, S., Ferguson, L. (2009) Government regulation of sex and sexuality: in their own words. *Reproductive Health Matters*; 17(34):108-118.
- Hamburger, M. E., Hogben, M., McGowan, S., & Dawson, L. J. (1996). Assessing hypergender ideologies: Development and initial validation of a gender neutral measure of adherence to extreme gender beliefs. *Journal of Research in Personality*, 30, 157–178.
- Herek, G. M. (1984). Attitudes toward lesbians and gay men. A factor-analytic study. *Journal of Homosexuality*, 10, 39–52.
- Herek, G. M. (1994). Assessing heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men: A review of empirical research with the ATLG scale. In. B. Greene & G. Herek (Eds.), *Lesbian and gay*

psychology: Theory, research, and clinical applications—Psychological perspectives on lesbian and gay issues (Vol. 1, pp. 206–228). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Herek, G. M. (1998). Attitudes Toward Lesbians and Gay Men Scale. In Davis, G.M. (Ed.), *Handbook of Sexuality-Related Measures* (pp. 392-394). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Innala, S. M. & Ernulf, K. E. (1992). *The relationship between affective and cognitive components of homophobic reaction. Three cross-national replications*. Goteborg Psychological Reports, 22(2). Dept. de Psicologia, Universidade de Gotemburgo.

Jung, C.G. (2000). *A Natureza da Psiquê*. Editora Vozes. Petrópolis.

Jung, C.G. (2002). *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Editora Vozes. Petrópolis.

Kerns, J.G. & Fine, M.A.(1994) The relation between gender and negative attitudes toward gay men and lesbians: do gender role attitudes mediate this relation? *Sex Roles*, 11ol. 31, Nos. 5/6.

Kimmel, M. S. (2005). *The Gender of Desire – Essays on Male Sexuality*. State University of New York Press, Albany.

Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., Martin, C. E., & Gebhard, P. H. (1953). *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: Saunders.

Larson, D. L. (2014) *The Evolution of a christian ally: factos that influence beliefs and attitudes toward gays and lesbians*. University of Illinois.

Lévi-Bruhl, L. (2013) *A Teoria de Estado em Hegel*. Natal (RN), v.20, n. 33. Janeiro/Junho, p.653-671.

Matharu, K.; Kravitz, R.; McMahon, G.T.; Wilson, M. D.; Fitzgerald, F.T. (2012) Medical student's attitudes toward gay men. *BMC Medical Education* 12:71

- Martins-Silva, P., O.; Souza, E.,M.; Silva Junior, A.; Nascimento, D.,B.; Balbi Neto, R., R., Q. (2012) Adolescents and Homosexuality: Social Representations and Social Identity. 474 Cadernos de Pesquisa v.42 n.146 p.474-493 maio/ago.
- Miskolci, R. (2009) A teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun., p. 150-182
- Mosher, D. L. (1991) Macho men, machismo, and sexuality. *Annual Review of Sex Research*, 2, 199-247.
- Murnen, S. K., & Byrne, D.(1991). Hyperfemininity: Measurement and initial validation of the construct. *The Journal of Sex Research*, 28, 479-489.
- Nogueira, C.; Saavedra, L. (2007). Esteriótipos de Género. Conhecer para transformar. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.
- Pereira, H. (2013) Amar Incondicionalmente. Um guia para ajudar a compreender e aceitar a homossexualidade do seu ente querido.
- Pereira, C.P.; Torres, A. R. R.; Falcão, L.; Pereira, A.S. (2013) O papel de representações sociais sobre a natureza da homossexualidade na oposição ao casamento civil e a adoção por famílias homoafetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Jan-Mar, Vol. 29 n. 1, pp. 79-89
- Poli, M. C. (2004) Masculino/Feminino: A diferença sexual em Psicanálise. Psicanálise Passo-a-Passo. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro
- Portugal. Constituição (2005). Constituição da República Portuguesa. Lisboa. Assembleia da República, 1976.
- Pleck, J.H. (1993). Masculinity Ideology: Its Impact on Adolescent Male Heterosexual Relationships.
- Plon, M. & Roudinesco, E. (1998). Dicionário de Psicanálise. Zahar. Rio de Janeiro.

- Purdy, L. (2008) What religious ethics can and cannot tell us about reproduction and sexuality. Vol. 17 Suppl. 3. 9-16 Reproductive BioMedicine Online; www.rbmonline.com/Article/3690 on web 10 September 2008
- Santos, E. L.M. (2010) Homossexualidade Preconceito e intolerância: Análise Semiótica de depoimentos. Tese de Doutoramento. Universidade de São Paulo.
- Scheinvar, E.(2006) Quando a Escola não se reconhece como parte “do social”. Cadernos de Ensaio e Pesquisas. Faculdade de Educação. RJ, Universidade Federal Fluminense, v.11, p. 75-86.
- Sena, T. (2008) Os relatórios Shere Hite: Sexualidades, Género e os Discursos Confessionais.
- Silva, C.G.; Paiva, V.; Parker, R. (2013) Religious youth and homosexuality: challenges for promotion of health and sexual rights. Interface - Comunic., Saude, Educ., v.17, n.44,p.103-17, jan./mar.
- Steensma, T. D., Kreukels, B.P.C., Vries, A.L.C., Cohen-Kettenis, P.T. (2013) Gender identity development in adolescence. Hormones e Behavior 64, 288-297.
- Toledo, L. G., Pinafi, T. (2012). A clínica psicológica e o público LGBT. Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol. 24, n.1, p. 137 – 163.
- Vale de Almeida., M (1996). Genero, Masculinidade e Poder- Revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, 161-190.
- Van de Ven, P., Bornholt, L., & Bailey, M. (1996). Measuring cognitive, affective and behavioral componentes of homophobic reaction. *Archives of Sexual Behavior* 25 (2), 155-179.
- Verweij, K.J.H; Shekar, N.S; Zietsch, B.P.; Eaves, L.J.; Bailey, J.M.; Boomsma, D.I.; Martin, N.G. (2008) Genetic and environmental influences on individual differences in attitudes toward homosexuality: An australian twin study. *Behav Genet* 38:257–265

- Weeks, J. (1981), “Discourse, desire and sexual deviance – some problems in a history of homosexuality”, in Parker, R. & Aggleton, P. (editors) (2007) *Culture, Society and Sexuality – A reader*, 125-149.
- World Health Organisation, (1992). *The ICD 10 classification of mental and behavioural disorders: clinical descriptions and diagnostic guidelines*. Author, Geneva
- Yu, Y.; Xiao, S. & Xiang, Y.(2011) Application and testing the reliability and validity of a modified version of Herek’s attitudes toward lesbians and gay men scale in China. *Journal of Homosexuality*, 58:263-274,

Termo de Consentimento livre e esclarecido:

Caro participante, venho por este meio solicitar seu consentimento para a vossa participação neste estudo académico que terá como finalidade a elaboração de uma dissertação de mestrado sobre as relações dos componentes afetivos, cognitivos e comportamentais nas conceções de adultos sobre o tema da homossexualidade. Esta dissertação será apresentada para o curso de Mestrado em Psicologia Clínica, Psicoterapia e Aconselhamento da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, localizada em Lisboa com o intuito de obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica, Psicoterapia e Aconselhamento.

A decisão sobre a participação nesta pesquisa é livre, e, consiste em responder a pequenos questionários anónimos e um questionário demográfico, que não tem respostas nem certas e/ou erradas. Os resultados da pesquisa são confidenciais.

A qualquer momento poderá desistir da pesquisa, sem que nenhuma questão lhe seja colocada. A participação neste estudo não levará aos participantes qualquer perda ou prejuízo.

Agradecemos a vossa colaboração.

Questionário Sóciodemográfico

--	--	--	--

1.Idade:

2.Sexo: Masc. ☐/ Fem. ☐

3.Estado Civil:

Solteiro ☐ Casado/Uniao de Facto ☐ Separado/Divorc ☐ Viúvo ☐

4.Profissão: _____

5.Sit. Profissional:

6.Nº Elementos do Agregado Familiar(para além de si): _____

Empregado ☐ Desempregado ☐

7.Habilitações Literárias:

Ensino Primario ☐ Secundário Incompleto ☐ Secundário Completo ☐

Ensino Superior Incompleto ☐ Licenciatura ou Superior Completo ☐

Relativamente à sua orientação sexual, considera-se (assinale apenas uma escolha):

Exclusivamente heterossexual	
Predominantemente heterossexual, raramente homossexual	
Predominantemente heterossexual, ocasionalmente homossexual	
Igualmente heterossexual e homossexual	
Predominantemente homossexual, ocasionalmente heterossexual	
Predominantemente homossexual, raramente heterossexual	
Exclusivamente homossexual	

8. Religião: Sem Religião ☐ Católica ☐ Outra: _____ ☐

	Com que frequência vai à igreja, ou participa noutras reuniões de carácter religioso?					
1	2	3	4	5	6	
Nunca	Uma vez por ano ou menos	Algumas vezes por ano	Algumas vezes por mês	Uma vez por semana	Mais que uma vez por semana	

	Com que frequência ocupa o seu tempo em actividades privadas de carácter religioso, como rezar, meditar ou ler ou estudar a Bíblia?					
1	2	3	4	5	6	
Nunca ou Raramente	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Algumas vezes por semana	Uma vez por dia	Mais que uma vez por dia	

	Na minha vida, sinto a presença de algo divino				
1	2	3	4	5	
Totalmente Falso	Raramente é verdade	Algumas vezes é verdade	Verdade a maior parte das vezes	Totalmente Verdade	

	As minhas convicções religiosas são o que sustenta toda a minha forma de estar				
1	2	3	4	5	
Totalmente Falso	Raramente é verdade	Algumas vezes é verdade	Verdade a maior parte das vezes	Totalmente Verdade	

	Tento o mais que posso fazer tudo na minha vida de modo a estar de acordo com a minha religião				
1	2	3	4	5	
Totalmente Falso	Raramente é verdade	Algumas vezes é verdade	Verdade a maior parte das vezes	Totalmente Verdade	

9. QOH:

1 – Em relação a homossexualidade, (numa escala de 0 a 10) até que ponto acha condenável:

0

10

Nada Condenável Totalmente Condenável

1.1 Homossexualidade Masculina Activa ☐

1.2 Homossexualidade Masculina Passiva ☐

1.3 Homossexualidade Feminina Activa ☐

1.4 Homossexualidade Feminina Passiva ☐

2 – Em relação a homossexualidade, (numa escala de 0 a 10) até que ponto acha repugnante:

0

10

Nada Repugnante Totalmente Repugnante

2.1 Homossexualidade Masculina Activa ☐

2.2 Homossexualidade Masculina Passiva ☐

2.3 Homossexualidade Feminina Activa ☐

2.4 Homossexualidade Feminina Passiva ☐

3 – Em relação a homossexualidade, (numa escala de 0 a 10) até que ponto tomaria uma atitude
contra um homossexual:

0

10

Nenhuma Atitude Tomaria Alguma Atitude

3.1 Homossexualidade Masculina Activa ☐

3.2 Homossexualidade Masculina Passiva ☐

3.3 Homossexualidade Feminina Activa ☐

3.4 Homossexualidade Feminina Passiva ☐

HGIS_SF - Hamburger, Hogben, McGowan & Dawson; (1996)

O seguinte questionário contém várias afirmações sobre atitudes numa relação entre um homem e uma mulher. Por favor leia cada uma das afirmações atentamente e indique no espaço à direita de cada item a sua preferência de acordo com o número adequado.
Por favor note, que alguma das afirmações podem não se aplicar totalmente a si. Nesses casos, por favor tente imaginar qual seria a sua resposta se se aplicasse a si e responda consoante a sua opinião. Por favor use a escala abaixo para responder.

	1 Discordo totalmente	2 Discordo	3 Discordo ligeiramente	4 Concordo ligeiramente	5 Concordo	6 Concordo totalmente
1	Um verdadeiro homem sabe como comandar os outros					
2	O que as lésbicas necessitam é de um pénis duro e firme					
3	Um homem deverá estar preparado para correr qualquer risco se a recompensa valer a pena					
4	Nenhuma mulher é obrigada a ter relações sexuais com alguém, mesmo que se trate do marido					
5	As mulheres devem desmarcar os encontros com as suas amigas quando um homem as convida					
6	Os homens devem estar preparados para o facto que a maioria das mulheres apenas os querem provocar sem terem nada com eles depois					
7	Um verdadeiro homem consegue fazer com que qualquer mulher tenha relações sexuais com ele					
8	As mulheres instintivamente tentam manipular os homens					
9	Ponham uma mulher embriagada ou excitada e fazem dela o que quiserem					
10	Os homens devem ter o controle durante as relações sexuais					
11	É correcto para o homem forçar um pouco para obter sexo					
12	As mulheres não se devem importar de serem um pouco forçadas para ter relações, pois isso quer dizer que elas são atraentes para os homens					
13	Os homossexuais podem ser tão bons pais como os heterossexuais					
14	Gays e lésbicas geralmente são pessoas como todas as outras					
15	Se um homem paga as despesas numa saída, merece ter algo em retribuição					
16	Se um homem paga um encontro merece algo em troca					
17	Homens efeminados merecem ser ridicularizados					
18	Um homem que é homem necessita de ter relações sexuais regularmente					
19	Acredito que algumas mulheres têm uma vida feliz sem terem um homem como companheiro					

ATLG - Herek (1984)

Por favor indique até que ponto concorda ou não com as afirmações abaixo, utilizando a seguinte escala:

1	2	3	4	5
Discordo Muito	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Muito

1	Acho que as lésbicas são nojentas	
2.	A homossexualidade feminina é uma perversão.	
3	A homossexualidade feminina é uma expressão natural da sexualidade feminina.	
4	O sexo entre duas mulheres é uma coisa errada	
5	A homossexualidade feminina é apenas um estilo de vida diferente que não deveria ser condenado	

6	Acho que os <i>gays</i> são nojentos	
7.	A homossexualidade masculina é uma perversão.	
8	A homossexualidade masculina é uma expressão natural da sexualidade masculina.	
9	O sexo entre dois homens é uma coisa errada	
10	A homossexualidade masculina é apenas um estilo de vida diferente que não deveria ser condenado	

ARHS (F) – Innala e Ernulf (1992)

Leia com atenção a seguinte situação:

João e Paula acabaram de jantar. Estão sentados a conversar sobre os seus filhos, que começam a tornar-se adultos. A porta abre-se e entra o David, filho de ambos, com o Carlos, um amigo de há longa data do David. Sentam-se também, e começam a conversar. Os pais reparam que há algo que o David lhes gostaria de dizer. *"Eu tenho uma coisa para vos dizer!"* diz o David. *"O Carlos e eu mantemos uma relação há já algum tempo e estamos tão apaixonados que decidimos ir viver juntos. O que é que acham disso?"*

Em baixo irá encontrar uma lista de palavras que caracterizam uma série de sensações ou afectos. Pedimos-lhe que indique até que ponto a história que acabou de ler os desencadeia em si, colocando uma cruz no espaço correspondente. Por exemplo, se a palavra fosse "Admiração" então poderia sentir *Nenhuma Admiração, Um Pouco de Admiração, Alguma Admiração* ou *Bastante Admiração*.

		Nenhum(a)	Um Pouco	Algum(a)	Bastante
1	Embaraço				
2	Raiva				
3	Contentamento				
4	Culpa				
5	Desprezo				
6	Satisfação				
7	Vergonha				
8	Nojo				
9	Encorajamento				
10	Medo				
11	Compreensão				
12	Incómodo				
13	Felicidade				
14	Orgulho				
15	Tolerância				

ARHS (F) – Innala e Ernulf (1992)

Leia com atenção a seguinte situação:

Luís e Susana acabaram de jantar. Estão sentados a conversar sobre os seus filhos, que começam a tornar-se adultos. A porta abre-se e entra a Daniela, filha de ambos, com a Manuela, uma amiga da Daniela de há longa data. Sentam-se também, e começam a conversar. Os pais reparam que há algo que a Daniela lhes gostaria de dizer. *"Eu tenho uma coisa para vos dizer!"* diz a Daniela. *"A Manuela e eu mantemos uma relação há já algum tempo e estamos tão apaixonadas que decidimos ir viver juntas. O que é que acham disso?"*

Em baixo irá encontrar uma lista de palavras que caracterizam uma série de sensações ou afectos. Pedimos-lhe que indique até que ponto a história que acabou de ler os desencadeia em si, colocando uma cruz no espaço correspondente. Por exemplo, se a palavra fosse "Admiração" então poderia sentir *Nenhuma Admiração, Um Pouco de Admiração, Alguma Admiração* ou *Bastante Admiração*.

		Nenhum(a)	Um Pouco	Algum(a)	Bastante
1	Embaraço				
2	Raiva				
3	Contentamento				
4	Culpa				
5	Desprezo				
6	Satisfação				
7	Vergonha				
8	Nojo				
9	Encorajamento				
10	Medo				
11	Compreensão				
12	Incómodo				
13	Felicidade				
14	Orgulho				
15	Tolerância				

HBSS – Van de Ven (1979)

Em baixo estão 10 afirmações relativas a situações que envolvem questões de algum modo ligadas com a homossexualidade. Solicitamos-lhe que indique até que ponto se identifica com o seu conteúdo, ou se pelo contrário, estas afirmações não se aplicam a si.

1	2	3	4	5
Totalmente Falso	Falso a maior parte das vezes	Por vezes falso, por vezes verdadeiro	Verdadeiro a maior parte das vezes	Totalmente Verdadeiro

1	Na minha escola ou no meu local de trabalho, evitaria falar a sós com um gay ou uma lésbica sobre questões dos homossexuais	
2	Eu colocaria o meu nome numa petição para que o governo fizesse algo para diminuir a violência contra os gays e as lésbicas	
3	Se na minha escola ou no meu local de trabalho, fosse passado um filme sobre questões relativas à homossexualidade, eu não iria estar presente	
4	Eu colocaria o meu nome numa petição para que os gays ou as lésbicas pudessem registar oficialmente o seu casamento ou união de facto	
5	Eu participaria numa reunião que visasse impedir os homossexuais de se manifestar publicamente	
6	Eu colocaria o meu nome numa petição para que os casais de gays ou lésbicas pudessem adoptar crianças	
7	Numa festa, evito juntar-me a um grupo se todas as suas pessoas forem homossexuais	
8	Se um gay ou uma lésbica fizesse um discurso sobre questões dos homossexuais na minha escola ou no meu local de trabalho, eu iria estar presente.	
9	Eu não colocaria o meu nome numa petição para que os gays e lésbicas pudessem ter os mesmos direitos civis que as outras pessoas	
10	Eu seria capaz de participar numa manifestação de defesa dos direitos dos gays e lésbicas	